

Prof. Doutor LUÍS DE PINA

*Luís de Pina*  
*10/11/1951*

**Conceito histórico e médico  
da caridade de S. João de Deus**

LISBOA — 1951



# Conceito histórico e médico da caridade de S. João de Deus

Mirabilis Deus Noster in sanctis seus !

.....  
Qui seminant in lacrimis, in gaudio metent.

(Da *Aleluia e Tracto*, na Missa de 19 de Janeiro)



Está por escrever ainda — e Deus me dê vida e saúde para fazê-lo, como de alma desejo — a história das relações dos homens da Igreja e dos homens da Medicina nas labutas e lutas de tantos de seus campos, desde o sábio farmacêutico (que muita vez era o frade do mosteiro) aos Piores e Bispos e até Papas que foram, tanta vez, médicos de sabedoria inconcussa, doutos e preclaríssimos; aos missionários de África, do Brasil, da Índia, da Oceânia, fundadores e mantenedores de hospitais e clínicas, investigadores da Botânica, da Patologia exótica, da Geografia médica!

Quantos belos, formosíssimos capítulos dessa história, em que do claustro ou das naves da Igreja se transferiram à Medicina ou desta para aquela! Se o tempo de hoje à noite me pertencesse inteiramente — e se fosse ele derramado por duas ou três horas, o que eu vos contaria, apropriadamente à matéria!

Perpassariam na galeria ilustre dos Homens da Igreja ao serviço da Arte e da Ciência médica um S. Frei Gil de Santarém e um Pedro Hispano (grande psicólogo e comentador, experimentalista e professor de cátedras médicas estrangeiras); um P.<sup>o</sup> Fer-



BIBLIOTECA VIVA  
SÃO JOÃO DE CARVALHO

RC  
MNC  
2  
PIN

não Cardim ou um P.<sup>e</sup> Manuel da Nóbrega, médicos de alma e corpos no Brasil, tratadistas da sua História natural e médica; um D. Frei Caetano de Santo António, autor da primeira *Pharmacopeia Portuguesa*, há quase 250 anos, livro em que o nosso Camilo Castelo Branco — estudante desertor da Medicina no Porto — forrageou e compilou tanto do seu saber farmacológico com que illustrou a figura de Eusébio Macário, na *Corja*; um P.<sup>e</sup> Conceição Veloso ou um P.<sup>e</sup> João de Loureiro, estudiosos da flora oriental no século XVIII, quanta dela médica e alimentar.

Perpassaria na Galeria Nacional a nobilíssima figura de cirurgião e Padre Jesuíta Luís de Almeida, fundador de escola europeia e portuguesa de Medicina e Cirurgia no Japão, ao mear do século XVI, escola em que foi mestre sagacíssimo, de par com seu fervente doutrinamento cristão.

Perpassariam, enfim, outras notáveis personagens da Igreja ao serviço da Medicina e de médicos ao serviço daquela. Não há muito arrolei nomes e factos mais salientes, a sobrepujarem, na história pátria, em estudo que a seu tempo entrará no prelo. Factos e nomes lusos, muitos já e dignos de memória. E quantos estrangeiros, em cortejo solenemente expressivo do congraçamento da Fé e da Ciência.

Perpassariam nessoutra galeria forasteira um bispo de Espanha, Torrella, autor de uma boa obra sobre a *pudendagra*; um S. João da Cruz, que começou por enfermeiro a sua vibrante vida de apóstolo de Espanha; do anatómico e bispo Nicolau Stenon, seiscentista, que tão doutamente biografou o Professor dinamarquês Vilhelm Maar; desse outro Arcebispo medieval, Benedito Crespo, de Milão, autor de um curioso poema médico, que Renzi comentou tão distintamente; dessoutro cirurgião medievo, Bispo de Bitonto, Teodorico di Lucca, frade dominicano; desses homens da Igreja que foram Needham, Spallanzani, Halles e Mendel, com nomes tão brilhantemente unidos ao estudo da geração espontânea e da hereditariedade.

Perpassariam nesta galeria de heróis médicos mártires hoje canonizados ou beatificados, um S. Pantaleão de Nicomedia, padroeiro da cidade do Porto, cuja festa, antiquíssima, tive a honra e o prazer de restaurar neste burgo, que já o esquecera; S. Cosme e S. Damião, irmãos, padroeiros da Medicina, como S. Lucas, Evangelista, pintor de Nossa Senhora; como S. Antó-

nio Zacarias, S. Filipe Benizi, S. Francisco de Meako e S. Joaquim de Sacachibara, médicos católicos japoneses mártires, crucificados cruelmente em Nangazaque, 45 anos depois da morte de S. Francisco Xavier, na China.

Perpassariam, ainda, entre muitos mais, o professor de Medicina de Turim, quinhentista, Beato João Ancina; o beato mártir médico, também no Japão, Gabriel de Madeleine; o venerável médico cochinchinense António Nam, cujo processo de beatificação dura há mais de 100 anos.

Perpassariam nesta gloriosa fileira de heróis médicos os apóstolos Santiago Laval, que o foi entre os indígenas da ilha Maurício; o venerável médico anamita Simão Hoa; Santo António Maria Zacarias, nobre de Cremona, falecido em 1539 com 36 anos (ao tempo em que S. João de Deus criara o seu primeiro e pobre Hospital de Granada), médico por Pádua, fundador da Ordem dos Barnabitas; o inesquecível médico italiano, quase de nossos dias, com processo de beatificação a correr, o Dr. José Moscati, galeria esta já estrelada pelas figuras santificadas dos professores universitários de Letras e de Direito, Frederico Ozanam e Contardo Ferrini, este já beatificado, aquele em via de beatificação.<sup>1</sup>

Quantos, quantos mais ainda, a lavrarem nos campos médicos medievais, como Santa Hildegarda e o Abade Hrabanus Maurus.

E hoje, quantos missionários por inúmeras partes do mundo, médicos diplomados por Faculdades laicas ou católicas especializadas. Eu relembro, entre tantas, as distintas e notáveis figuras de três dos mais ilustres médicos europeus professores ou doutrinadores de Deontologia profissional: um, o actual Bispo de Siguenza,<sup>2</sup> Dr. Luís Muñoyerro, autor de um magnífico Código Deontológico<sup>3</sup>; outro, também médico, hoje homem da Igreja, na sua qualidade de Padre Jesuíta, o Dr. Francisco Peiró, Professor de Deontologia em Madrid, autor de valioso tratado sobre a matéria<sup>4</sup>; outro, o Dr. Payen, sacerdote missionário

<sup>1</sup> Vid. mais notícias em DR. HENRI BON, *Compendio de Medicina Católica*, trad. esp. de Maset, 1942, Madrid.

<sup>2</sup> Ao tempo de ver as provas deste trabalho o ilustre prelado é Arcebispo de Lion.

<sup>3</sup> LUÍS ALONSO MUÑOYERRO — *Código de Deontologia Médica*, 3.<sup>a</sup> ed, 1950, Madrid.

<sup>4</sup> FRANCISCO PEIRÓ — *Deontologia médica*, 3.<sup>a</sup> ed., 1948, Madride.

médico autor também, de um importantíssimo *Código de Deontologia*<sup>1</sup>.

\*

É nesta fileira já longa e augusta de servidores da Igreja e da Medicina que temos de colocar a veneranda figura de João Cidade, João Cidade Duarte ou João de Deus, no título magnífico que um dia lhe apôs o grande D. Sebastião Ramires de Fuenreal, Bispo de Tui e Presidente da Chancelaria de Granada, ao que conta a crónica; é nessa galeria que tem pleníssimo direito de entrar, como um dos maiores, esse doce, simples e santo *João, espera em Deus*, como era conhecido entre os do seu tempo.

Todos sabem que S. João de Deus tem dia próprio de festa, com missa em 8 de Março, rezada pelos cânones de um Confessor não Pontífice, começando por *Os justí meditabitur sapientiam... o justo meditará a sabedoria...* Em lugar próprio, tem oração adequada, essa missa de S. João de Deus: *Deus, qui beatum Johannem, tuo amore succensum, inter flamas innoxium incendere fecisti, et per eum Ecclesiam tuam nova prole fecundasti...* etc. — *ó Deus, que fizeste a S. João, abrazado em vosso amor, atravessar ileso as chamas, e por ele fecundaste a vossa Igreja...*

Pena foi que o decano da Faculdade de Medicina de Paris, Guilherme Du Val, entre 1640 e 1641, introdutor, nas escolas médicas, do uso de recitar cada sábado as litánias da Santíssima Virgem e dos Santos e Santas que exerceram a Medicina; pena foi que não tivesse incluído o nome do nosso S. João de Deus entre as dezenas desses que regista a ladaínha que compoz, de onde constam alguns dos que já citei e outros que a falta de tempo não permite indicar, desde S. Carpo e Papilo, S. Casiano e S. Zenóbio até aos bem-aventurados António de Aquileia, Marcos de Montegallo, Santa Sofia e Santa Nicerata.

Pena foi, dizia, que entre estes santos médicos e médicos santos não tivesse o professor francês seiscentista Du Val incluído o nosso S. João de Deus, beatificado alguns anos antes (1630)! O Papa Leão XIII, declarando-o padroeiro dos Hospi-

<sup>1</sup> G. PAYEN — *Deontologia médica segun el derecho natural, deberes de estado y derechos profesionales*, trad. esp. de Piera, rev. por Pineda, 1944, Madrid.



Fig. 1

Legenda: *Tranzito do Patriarcha S. João de Deus Portvges.*

Autor: João Baptista. É o exemplar n.º 46 (48) da *Colecção de Estampas e indice de gravadores*, de A. Tibúrcio de Vasconcelos, publicado pela Sociedade Martins Sarmento, se Guimarães, onde se conservam, em número de mais de 1600 (in *Revista de Guimarães*, 1931).

Não deixa de impressionar-nos a semelhança de motivo ou inspiração desta firma com as que publico a seguir com os números 2 e 3, exemplares existentes no volume que sobre a vida do Santo escreveu o P.º António de Gouveia em 1632, a que nos referimos no texto deste trabalho (exemplar E-6-103, da Biblioteca Municipal do Porto). Neste exemplar não vemos as figuras que lhe são próprias e se encontram no da Biblioteca Nacional de Lisboa (Rel. 1630. V.). Aquelas foram retiradas do volume (quando e por quem?) e substituídas pelas duas que aqui reproduzo (fig. 2 e 3) e já estampeei em outro lugar («O Médico», 5-1-1951, n.º 10-2º ano),

tais e dos Enfermos (1886), ordenou que o seu nome fosse colocado na *Ladainha dos agonisantes*, onde figura entre o glorioso de S. Camilo e de *todos os Santos Monges e Eremitas*. Como se sabe, o Breve de Pio XI (28 de Agosto de 1930) considera o nosso Santo e S. Camilo Lellis padroeiros universais de todos os Enfermeiros do mundo.

Já aí ficou agora mesmo bosquejada pelo Prof. Hernani Monteiro a vida gloriosa deste grande português. Surge como primeira lusa fonte obrigatória de biógrafos do montemorense e granadino, a obra de D. Frei António de Gouveia que, por seu turno, é biografado satisfatoriamente por Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, como pode ver-se em edição moderna desta que, compulsei. <sup>1</sup> Por ela se colhe que D. Frei António de Gouveia, zeloso biógrafo de S. João de Deus, era filho de Lázaro Ribeiro e Maria de Gouveia. Sem referir-se à data do nascimento em Beja (1575, segundo a Condessa de Nova Goa), <sup>2</sup> informa que professou no convento lisbonense dos Eremitas de Santo Agostinho, em 4 de junho de 1591. Seis anos depois embarcou para a Índia, a fim de ensinar em Goa a Teologia

A 15 de Fevereiro de 1602 segue dali, como embaixador à Pérsia, por vontade e cuidado expresso do Vice-Rei Aires de Saldanha; naquele cargo prestou inegualáveis serviços à propagação da Fé Cristã e aos interesses do soberano persa. Com outro embaixador deste ao Pontífice Paulo V e a Felipe III de Castela, para conseguirem mais larga luta contra os herejes embarca para a Europa. Entretanto, é feito Bispo de Cirene, na África (Sagração a 28 de Dezembro de 1612). O Santo Padre nomeia-o seu Núncio, com poderes de Legado *a latere*, na Pérsia. O respectivo imperador recebe-o duramente, por não ver satisfeito o seu intento, em que D. Frei António de Gouveia colaborara. É preso. Consegue libertar-se e, atravessando a Arábia, vai a Alepo, onde embarca para Marselha, a que não aporta, pois é captivo de mouros, perto da Sardenha.

Seu duríssimo captivo durou 2 anos. Liberto em 1620, volta à Europa. Ao serviço de Felipe III e das Autoridades Ecle-

<sup>1</sup> BARBOSA MACHADO — *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica*, 2.<sup>a</sup> ed., 1930, Lisboa.

<sup>2</sup> RAQUEL JARDIM DE CASTRO — *S. João de Deus. Um heroe portuguez do século XVI*. Coimbra, 1924.

siásticas espanholas esteve ainda algum tempo, regressando à paz do estudo, em Mansanares de Membrilla. Deu a alma ao Criador em 18 de Agosto de 1628.

Muito encomiado por autores portuguezes e estrangeiros, D. Frei António de Gouveia escreveu obras de valor para a história eclesiástica ultramarina, que são também valiosas para o estudo etnográfico das regiões orientais que conheceu, como a *Jornada do Arcebispo de Goa* (Coimbra, 1606), ao Malabar; a *Relação* das guerras e vitórias do rei da Pérsia e de seu filho (Lisboa, 1611) e as célebres *Relações da Pérsia e do Oriente*, que lhe são atribuídas (Lisboa, 1609). Entre mais obras de carácter religioso, escreveu sobre S. João de Deus obra a que Barbosa Machado dá o título: — *Vida, y muerte del bendito Padre Juan de Dios Fundador dela Orden dela hospitalidad delos pobres enfermos*. Madrid, 1624. Cita edições aumentadas de Fr. António de Moura, 1632; Melchior Alegre, 1660 e Roque Rico de Miranda, 1674; outra de Cádiz, 1647. Todavia, ao tratar de Fr. António de Moura, Irmão hospitaleiro de S. João de Deus, alude a estas edições, mas à de 1632 dá o ano de 1631; à de Cádiz, o de 1648; a Melchior chama, agora, Belchior.

Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (vol. XII) as notícias biográficas de D. Frei António de Gouveia são semelhantes; e nas bibliográficas, entre poucas diferenças, regista-se o título da obra sobre S. João de Deus, de 1624, que está assim posto: — *Historia de la esclarecida vida y milagrosa del bienaventurado S. Juan de Dios*, Madrid, 1624. A diferença principal no título provém de *y milagrosa* em vez de *y milagros*.

É de recordar a existência de outras notáveis figuras religiosas e eruditas com o nome do devotado biógrafo de S. João de Deus. Assim o Gouveano, esse celebrado humanista e jurista António de Gouveia, irmão dos erúditos Marçal e André, sobrinho do grande Diogo de Gouveia, Reitor do famoso Colégio de Santa Bárbara, de Paris. Professor nas Universidades ou Escolas Superiores de Tolosa, Cahors, Grenoble, faleceu em 1565, na cidade de Turim, sendo natural de Beja, igualmente berço do biógrafo do nosso Santo.

Outro António de Gouveia, Jesuíta, nascido em 1593 na vila beiroa de seu apelido, foi grande missionário na China, onde morreu no ano de 1677. Deixou ms. uma *História da China*, a

*Asia Extrema* e um catecismo em língua chinesa.<sup>1</sup> Homónimo, só no apelido, é, como se verá, um Padre Pedro Fernandes de



Fig. 2

Sob a estampa lê-se: Le Pain ayant manqué a S.<sup>t</sup> Jean de Dieu pour ses Pauvres l'archange S.<sup>t</sup> Raphael s'apparust à Luy Vestu du mesme habit et Luy dit Jean de Dieu nous auons mesme office Voicy Le Pain que Le Ciel Vous Enuoye avant Veue Vostre nécessité.

Ao canto, em baixo: P. Moncornet excudit.

(Vid. legenda da fig. 1)

<sup>1</sup> O P.<sup>o</sup> Francisco Rodrigues, em *A formação intelectual do Jesuíta. Leis e Factos*. Porto, 1917 (págs. 329) alude à *Asia Extrema*, ms. ainda e à *História da China*, que diz existir no Escorial (Mss. Soc. J., Jap. Sin., 129) e é citada por Sommervogel, III — 1638 (vid. nota na referida página).

Gouveia, do século XVI, que nos dá tema para um dos pontos mais atraentes da nossa palestra de hoje.

Outros traçaram a biografia do Santo, por diversas vias e formas. Relembro, entre alguns, a do já citado Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, que aponta as mais conhecidas fontes para a história de S. João de Deus e encerra os seus principais factos. Dos autores alegados por Barbosa Machado contam-se os portugueses Jorge Cardoso, no seu *Agiolôgio Lusitano* e Francisco Barreto de Landim, este em verso — oitavas — que não consegui ler ainda. O mesmo direi do *Sermão* de Frei João da Madalena prègado na Canonização do Santo e publicado em 1692, como informa B. Machado. Em 1727 publicou-se em Évora uma *Novena* do Glorioso Patriarca S. João de Deus, a que o mesmo bibliógrafo alude, dando-lhe como autor Frei António Coutinho.

Também ali se menciona uma outra obra que deve de ser muito curiosa, a vida de S. João de Deus, em verso, escrita pelo cronista eborense João Gomes de Góis para comemorar o dia da canonização do Santo que foi, como sabeis, em 1690 (a beatificação ocorrera em 1630). Também não pude ler tal obra, que se teria publicado naquele ano de 1690; não logrei examinar, como tanto desejava, as edições espanholas das cartas de S. João de Deus, uma escassa meia dúzia, que modernamente Mariano Tomás transcreve com largueza na biografia do Santo.<sup>1</sup>

São essas as edições de Juan de la Cuesta (1623); de D. Frei António de Gouveia (1624) e o *Resumen Histórico de la Sagrada Religion de S. Juan de Dios*.<sup>2</sup>

Tão curiosas e singelíssimas cartas acabam de ser traduzidas em português por Frei Martinho Barroco Guiomar. No seu livro sobre o Santo, publicado em 1950, o jornalista Costa Brochado dá-nos também esclarecimentos sobre esses documentos preciosos.<sup>3</sup>

Todavia, merece especial lembrança a ilustre senhora portuguesa Dona Raquel Jardim de Castro, Condessa de Nova Goa, que, em 1924, publicava um valioso livro sobre S. João de

<sup>1</sup> MARIANO TOMÁS — *San Juan de Dios*, 1939, Madrid.

<sup>2</sup> B. MACHADO — *Biblioteca Lusitana*, vol. II, pág. 594.

<sup>3</sup> COSTA BROCHADO — *São João de Deus*, 1950, Lisboa.

Deus, de quem tão devota e brilhantemente Espanha e Portugal acabam de festejar o 4.º centenário da morte.



Fig. 3

Sob a legenda: *B. Iohannes Dei enixe Orans ab Coelitū Regina Spinea Corona xpi Dolores praeseferente Coronatur*

Nesta obra a autora presta-nos importantes informações, quanto à sua importância e número, pouco ultrapassado por es-

critores que se lhe seguiram. Por isso é justo lembrar a meritória e cristianíssima tarefa da ilustre titular, filha dos Condes de Valença, tarefa de que surgiu uma das melhores biografias do Santo montemorense.

Relembramos com apreço e justiça esta erudita obra da Condessa de Nova Goa, que nos dá apreciadas notas sobre a sigla-assinatura de S. João Deus (que reproduz de uma das páginas de suas cartas), sobre a já valiosa bibliografia conhecida em seu tempo, sobre os panegíricos em verso de Lope de Vega, que lhe chama *Padre mayor de los menores*; sobre as casas hospitalares, fundadas sobre a sua égide; uma valiosa tabuada de nomes próprios citados no texto, de que é interessante o referido a Granada; sua Universidade, fundada ao tempo de S. João de Deus<sup>1</sup>, de onde viera ensinar Anatomia para Portugal o célebre Professor Guevara; neste rol de nomes, cuidadosamente anotados, topam-se boas elucidações a respeito de diversísimos assuntos.

Recordada esta obra, passo a expor, para seu complemento, algumas considerações que julgo oportunas e notas que talvez dilucidem pontos obscuros da biografia do Santo, considerações e notas que entendi dar a conhecer nesta noite de festa-

\* \* \*

Começamos por lembrar a fuga do menino João de Montemor, com 8 anos, aí por 1503. Morrera D. João II, o Príncipe Perfeito, e subira ao trono D. Manuel, o Venturoso, nesse ano de 1495, em que vira a luz do mundo o nosso Santo. Três anos antes, aquele primeiro rei funda o grande Hospital de Todos-os-Santos, a que me hei-de reportar dentro de pouco, congregando todo o serviço assistencial a enfermos dispersos pelos 42 hospitais que havia em Lisboa, por esse tempo. Quatro anos depois do nascimento de João Cidade funda a egrégia rainha D. Leonor a tão portuguesa e benemérita *Misericórdia*, cujo «Compromisso» prevê, exalta e recomenda a cura e visita dos doentes, o enterramento dos mortos, o amparo dos encarcerados, o auxílio dos pobres.

---

<sup>1</sup> Por 1525, ou 1531 (cfr. René Aigrain, *Histoire des Universités*, Paris, 1949, pág. 56. Outros indicam a data de 1533.

Esta obra, completada pela de S. João de Deus, dá aos Portugueses, inegavelmente, valioso lugar entre os pioneiros do grande S. Vicente de Paulo, em quem a assistência médica a pobres encontrou notável auxílio.

Três anos depois de nascer o menino João em Montemor — ao som do guizalhar dos sinos da igreja da terra que ninguém tangia — três anos depois chegava à Índia Vasco da Gama.

Em 1492 havia sido aceite o Tratado de Tordesilhas que dividia o mundo físico ultramarino em duas partes, uma para Portugal e outra para a Espanha. É curioso notar que outros como que tratados de Tordesilhas foram as trocas que os dois mundos espirituais da Península Ibérica assinaram, para que a Espanha nos desse uma rainha Santa Isabel, um S. Francisco Xavier ou um apóstolo do Brasil como foi José de Anchieta, contra a dádiva não menos volumosa de Portugal a Espanha, S. João de Deus!

Creio que nestas trocas de tão sagrados intuitos, desígnios e actos ambas as Nações se deram por bem pagas e recompensadas. E, como se não bastara, Portugal concede a outra terra também latina um dos maiores Santos da Cristandade, Santo António de Lisboa, mestre de Teologia e apóstolo estranho e incansável da palavra de Deus.

Não reparemos severamente em ser considerado Santo espanhol o nosso montemorense. Um dos livros que possuo, escrito sobre João Cidade, faz parte da colecção castelhana intitulada *Santos Españoles*<sup>1</sup> e dela constam ou constarão volumes sobre a sua gloriosa série, Santa Teresa de Jesus, S. Domingos de Gusmão, S. João da Cruz, Santo Isidoro, S. Vicente Ferrer, S. João de Sahagun, Santo Inácio de Loiola, D. Fernando, rei, S. Francisco de Borja e tantos mais! De tanto que falamos em S. Francisco Xavier, nosso missionário e do apóstolo P.<sup>c</sup> José de Anchieta, também nosso missionário — quero dizer, ao serviço de Deus em Portugal — de tanto que neles falamos os fazemos legítimos portugueses!

Mas... regressemos a 1503, para tentarmos elucidar, como disse, esse e outros pontos da vida de S. João de Deus, tendo

---

<sup>1</sup> É o de P.<sup>c</sup> Mariano Tomás, já citado.

em mente o que bem proclamava Gonzaga de Reynold, referindo-se à missão do historiador e à História: <sup>1</sup>

— «Esta... não significa apenas o relato dos acontecimentos, que se encadeia sem emitir qualquer juízo. A História é o sentido dos acontecimentos, o seu conjunto, o seu desenvolvi-



Fig. 4

S. João de Deus. Estampa existente na Sociedade Martins Sarmento (Guimarães). N.º 1552 (852) da *Colecção* respectiva (vid. legenda da fig. 1).

Esta estampa descreve-a o *Dicionário de gravadores portugueses e dos estrangeiros que trabalhavam para Portugal*, de Ernesto Soares (In *Arquivo Histórico de Portugal*, II. Fasc. 3. 1935. Pag. 73).

Ao alto da estampa lê-se: B. IVAN DE DIOS. A fita sob a forma de ponto de interrogação encerra estas palavras que o Santo profere: *lesvs in manus tuas comendo spiritum meum.*

<sup>1</sup> Cit. por JOÃO AMEAL — *O Homem Actor e Espectador da História.* in-*Rumo*, n.º 22. Lisboa, 1946, pág. 325.

mento, o seu dinamismo. A História é a vida humana, isto é, uma força em progresso. A História deixou de ser sinónimo de passado, visto o Passado ser só uma parte da História. E mesmo o Passado nunca morre por inteiro. A História toma-o, arrasta-o, empurra-o até nós. Por nossa vez, a História toma-nos, arrasta-nos, empurra-nos para o futuro...»

Na verdade, fazer História é sempre, deve ser sempre, criar vida, iluminar vida, prolongar vida!

Se, como dizia Montaigne<sup>1</sup> — o grande filósofo que por mãe provinha de cepa lusitana — nós não estamos nunca em nós mesmos, mas sempre mais para lá — devemos compreender em S. João de Deus esse avanço no presente, para o futuro, em actos e acções que a geração de agora compreende melhor que a do seu tempo, em gloriosa prova experimental que demorou quatrocentos longos anos.

Compreender hoje S. João de Deus é vivê-lo no seu tempo e no nosso. Por isso, dizia Bruno Cassinelli:<sup>2</sup> — «Compreender a um homem significa sentirlo em si, ser él, em suma».

\* \* \*

Maximiano Lemos, ao tocar no capítulo da Epidemiologia quinhentista em seu magistral tratado de História da Medicina Portuguesa escreve estas tristes palavras: — «Ano sáfaro foi o de 1503. Schaefer assinala nesse ano uma peste, derivada da penúria que angustiara o país no ano antecedente. Damião de Góis esclarece a questão dizendo que, em 1503, as chuvas e tempestades acarretaram a perda das sementeiras, ao que se seguiu a fome, com todos os seus horrores e muitas doenças mortais».

Este foi precisamente o ano em que o menino João Cidade abandonou a casa paterna de Montemór, refugiando-se na Espanha.

É misteriosa a causa dessa fuga. Não me satisfizeram nunca as explicações dadas por tantos biógrafos a tal sucesso da infância desse que Barbosa Machado chamou *Sagrado Abraão*

<sup>1</sup> Cit. por BRUNO CASSINELLI — *Historia de la Locura (Storia della Pazzia)* trad. espanhola. 1942, Barcelona, pág. 45.

<sup>2</sup> Id., id., pág. 210.

*da lei da Graça e Primogénito da caridade mais ardente para remédio dos enfermos.* Nunca me satisfizeram essas explicações sobre a fuga de Montemór do menino que havia de ser o forte pastor de Oropesa, o destemido soldado das guerras de Espanha, pacífico vendedor ambulante de livros e folhetos de cordel da formosa literatura castelhana <sup>1</sup>, abnegado protector da fidalga família Almeida no cativo de Ceuta, tudo antes de ser João de Deus!

Bem estudada a matéria, não pode deixar de relacionar-se a fuga de João menino com aquelas fomes, tempestades, horrores de penúria e assolções de peste dos anos de 1502 e 1503, teria o mocinho de 7 para 8 anos

Pendo em crer que o cataclismo que massacrrou então Portugal — e o Alentejo muito particularmente, como é intuitivo — não foi alheio à morte da Senhora Cidade, mãe do emigrante precoce. Sem dúvida que o desaparecimento do filho lhe teria desmantelado a coragem e a resistência à mágua, à tristeza, à miséria com que a passagem das tormentas do céu e da negrura da peste teriam ensombrado intensamente o já de si obscuro de Montemór. Dor sobre dor, incapacidade de sofrimento perpétuo: e Deus levou-a do mundo tão triste e amachucado de martírios, historicamente provados.

O menino, esse, estonteá-lo-ia o que viu e sentiu; assombrado, aterrorizado, cego e doido de pavor, o pequenino montemorense — como sucede em tantos casos congêneres — fugira do local esfomeado e empestado.

Seu pai, destroçado o lar, queimadas ou encharcadas as searas que semeou, fugido o filho, morta a mulher, abandona o lugar e procura a côrte. E na côrte de Lisboa, ansiando por pão e paz e sossego, acolhe-se ao silêncio e soturnidade claustral dos Franciscanos de Enxabregas.

O ambiente histórico da meninice de João Cidade não pode

---

<sup>1</sup> Refere MARIANO Tomás (ob. cit., pág. 000): «al cabo de algúns tiempo, su industria tomó rumbos prósperos y pudo pagarse mula para recorrer más cómodamente las ferias de las ciudades, y espolique que lo guiasse en los caminos y voclara las mercancías en las plazas». Nos alforges da tenda ambulante, sugere o biógrafo, levaria João de Montemor as obras de Álvaro de Luna, Garcilaso, Castellejo e Boscón; o *Amadís de Gaula*, as *Selgas de Explandon*, o *libro del Buen Amor*, as *Cantigas de Nuestra Señora*, as três *Celestinas*...

deixar de ser tocado por estas pinceladas, negras da fome, das devastações, das tempestades e dos horrores da peste do ano em que fugiu para Espanha e do antecedente, não menos triste e tenebroso. E já nem falo de que no próprio ano em que nasceu, 1495, a peste rondava já avassaladoramente por Portugal. Dessa vez, terminou o seu assalto brutal em 1496, não teria o menino dois anos ainda! Meninice tristíssima, vivida em tristíssimo Portugal, que não contava 2 milhões de habitantes!

Quem conhece um pouco da história das epidemias, da sua morbidade, da ineficácia da terapêutica e da pobreza da população alentejana, pode bem fazer a ideia da horrorosa tragédia de Montemor.

\*

Outro ponto a esclarecer. Conta-se que João Cidade, aí por 1539-1540, deitou pés ao caminho e foi ao Mosteiro de Guadalupe, em Espanha, rezar à Mãe de Deus e, quem sabe ao certo, pedir-lhe especial protecção para a obra que já se lhe ia erguendo na fogosa e predestinada imaginação. Contava 45 anos o peregrino. Antes, porém, no caminho de Guadalupe, visita o célebre Padre João de Ávila, que pela prêgação havia aberto os caminhos de Deus aos mártires e glória de João Cidade, esse mesmo Frei João de Ávila, conversor do grande fidalgo D. Francisco de Borgia, duque de Gândia e da futura Santa Teresa, também avilense. Anote-se a coincidência da chamada para Deus do nobilíssimo espanhol Borja e do plebeíssimo alentejano João Cidade.

Também me não repugna a ideia — antes me inclino fortemente para ela — de Frei João de Ávila, culto e douto, grande conhecedor do Mundo, ter dado conselhos especiais a João Cidade sobre o proveito de sua peregrinação.

Ora devo esclarecer que o Mosteiro de Guadalupe era um notável centro de ensino cirúrgico e de assistência hospitalar, cuja influência na instrução de nossos cirurgiões, de há 300 anos para trás, foi indiscutível e decidida. Não há muito aludi a este facto em trabalho sobre a intercultura anatómica de Portugal e Espanha. Em resumo se pode estabelecer que ao curso professado por portugueses em Guadalupe era como que dada equivalência no nosso país. para efeitos do exercício da cirur-

gia, ao do Hospital Real de Todos-os-Santos, com aulas desde o princípio do século XVI. <sup>1</sup>

A Condessa de Nova Goa não alude a esta característica do Mosteiro e Santuário de Guadalupe, como sobre ela são mudos os demais cronistas e investigadores da vida de S. João de Deus. Quer-me parecer que uma das razões da peregrinação do nosso Santo àquele Convento-Escola de cirurgia, não deixou de ser a de procurar inteirar-se do que ali se praticava quanto à Assistência Hospitalar. E se assim não foi, certamente viu e observou, com curiosa ansiedade, sua modelar casa de ensino e suas enfermarias. E da lição quanto não aproveitou Granada pouco depois.

\*

Outro ponto que julgo digno de atenção. Vem de longe, de muito longe, a tentativa de humanizar o tratamento dos pobres dementes. Ensaio tímido, fugaz, transitório. Entre nós, Portugueses, leem-se nas páginas escritas pelo alienista António Maria de Sena, de há 67 anos, os horrores a que ainda eram submetidos os desgraçados doidos internados em manicómios, hospitais e cadeias <sup>2</sup>. De mim e por pessoal testemunho, lembro ainda, com pavor, a visita que há pouco mais de 15 anos fiz ao Aljube do Porto. O que lá vi, relativamente à *hospedagem* humanitária dos dementes, é muito simplesmente análogo ao que viu Sena, muitos anos antes, em certo manicómio!

Felizmente, vai o Governo Nacional olhando e reparando

<sup>1</sup> LUÍS DE PINA — *A intercultura anatómica luso-espanhola*. Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto, 1947, Porto (Vol. X. I-II).

Vide, em especial, o estudo de Silva Carvalho, *As relações de Portugal com a Escola de Medicina de Nossa Senhora de Guadalupe*. In «Imprensa Médica», 1935, Lisboa. Como se sabe, também no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra se ensinou a Medicina, em Coimbra, pois aí foi nossa primeira escola profissional (vid. Américo Cortez Pinto, *A primeira Escola de Medicina em Portugal*, in «Actas no III Congresso Internacional dos Médicos Católicos», Lisboa, 1947-1948). Vid., também, *El arte en España. Monasterio de Guadalupe*, por Tormo y Monzó, 1950, Barcelona.

Na sua *Historia de la Medicina* (B. Aires, 1945) insere o Dr. G. Guisande, num curioso capítulo (pág. 144-147) sobre a Escola de Guadalupe.

<sup>2</sup> ANTÓNIO MARIA DE SERRA — *Os alienados em Portugal, História e Estatística* in *A Medicina Contemporânea*, 1883-1884, Lisboa.

nobrememente estas e para estas coisas, estabelecendo a rede de profilaxia mental e instalando modelares hospitais especializados.

A evolução da Assistência Psiquiátrica em Portugal, bem como a benemérita acção dos Irmãos de S. João de Deus, foi bem ilustrada e sintetizada em 3 painéis expostos em Paris, ao



Fig. 5

Estampa arquivada na Sociedade Martins Sarmiento (vide o respectivo catálogo, já citado, N.º 1373 (1557). Exec. por Pécoul. Diz a legenda: *S.<sup>t</sup> Jean de Dieu, Portugais de Nation, Fondateur de l'Ordre des Religieux de la Charité.*

A seguir: A Paris chez A. Spé rue S.<sup>t</sup> Jacques a la Visitation.

tempo do I Congresso Internacional de Psiquiatria, em Setembro de 1950, como pode ler-se em pequena notícia do *Jornal do Médico*, n.º 398, de 9 daquele mês.

Quem lê o que António Maria de Sena viu há cerca de 70

anos pode fazer conveniente ideia do que por essas terras estrangeiras também acontecia. O que Brochado nos conta da visita, feita em 1831, a um hospital de doidos, na França, por alguns irmãos de S. João de Deus; o que eles ali viram, ouviram e sentiram assemelha-se extremamente a uma das páginas que o citado Dr. Sena escrevia, cerca de 50 anos depois. Ouvir estas tristes recordações é glorificar a obra de S. João de Deus, precursora da moderna luta contra o tratamento desumano e violento dos alienados. Oicamos, pois: <sup>1</sup>

— «Quando o louco viu avançar para ele, à luz do facho de que andavam munidos os guardas, o cortejo que o ia visitar, ergueu-se num salto e pôs-se de pé, agitando as algemas e assumindo uma atitude ameaçadora: os cabelos hirtos, os olhos brancos, num esgaseamento de irritação, aquele misto de idiotia e de furor, a profundidade da cela e o silêncio apenas interrompido pelo ruído das cadeias, acrescido dos urros dos encarcerados, tudo contribuía para dar à cena um aspecto lúgubre e apavorante, apto para intimidar a outrém que não fossem cristãos cheios do Espírito Santo. Os guardas mal chegaram a uma certa distância do terrível louco, pararam espontâneamente».

E oicamos, agora, a testemunha portuguesa, em 1883, a descrever o que viu no Hospital de Rilhafoles:

— «Em um dos cubículos de ripa é que estava recluso um que o empregado dizia ser muito inquieto. Aproximando-me vi em um dos cantos luzir uns olhos em um vulto imerso em palha e enrodilhado em farrapos nojentos.

O cheiro que vinha de dentro imagine-o o leitor, ponderando que aquele vulto era um homem nu, que lançava na palha todos os produtos excretados, e que o pavimento de madeira, com as paredes de ripa que limitavam a célula, tinham a inevitável camada de imundície, que era de esperar.

Era quase noite; pouca luz se coava pelos intervalos das ripas e por isso mal se via o pobre louco, que ali vegetava numa mudez sepulcral.

Pedi ao empregado para abrir-lhe a porta, ao que ele acedeu com alguma repugnância, por temer-se do pobre doido.

---

<sup>1</sup> COSTA BROCHADO — *S. João de Deus*, ob. cit. pág. 104 (Hospital de Dinan).

Aberta a porta, levantou-se um homem completamente nu, contundido e escoriado em várias partes do corpo, magro, cadavérico, pronunciando palavras sem nexos, em suma, a pintura fiel de um demente pèssimamente tratado.

Satisfeita a minha curiosidade, preparava-se o homem a encerrar novamente o doente, para o que se travou luta, que o empregado não pôde vencer. O sistema era agarrá-lo corpo a corpo, atirar com ele para o monte da palha e fechar de pronto a porta; mas tão terrível era a habitação que, apesar de embotada a sensibilidade, sempre ao pobre louco repugnava a imundície em que o alojavam e queria, demais, a tão limitada liberdade de viver fora da célula na pequena sala em que aquela estava talhada».

Era só em Portugal que se passavam coisas? Creio bem que será proveitoso ouvirmos algumas vezes que nos dilucidem este triste período da assistência psiquiátrica em nosso país e nos dos... outros! Essas vezes nos provarão que os Portugueses não eram ignorantes na especialidade e não eram surdos aos queixumes dos miseráveis enfermos. Muitas dessas vezes se haviam passado à tinta de livros que estudavam o assunto e protestavam, a sugerir remédios. Entre mais, recordo os escritos dos Drs. Caetano Beirão e Bernardino António Gomes (Filho), ambos eminentes médicos em Lisboa, Professores da sua Escola Médico-Cirúrgica, respectivamente de 1849 e 1844.<sup>1</sup>

Começaremos a rever este, por ser mais antigo. Relata a sua viagem pela Europa, onde viu os principais hospitais (mòrmente os de alienados, na Franca, Bélgica, Holanda, Alemanha e Inglaterra), que descreve e cujo sistema comenta. Refere, por

---

<sup>1</sup> CAETANO DA SILVA BEIRÃO — *Discurso recitado na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa na Sessão Solenne anniversaria de 10 de Junho de 1849*, in *Jornal da mesma Sociedade*, IV, Lisboa, 1849.

Nasceu Caetano Beirão em 1807, formou-se em Medicina em 1836 e foi professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, desde 1857 (Matéria Médica e Terapêutica interna). Sócio da Academia Real das Ciências e de outras entidades, político activo e leal, também foi professor de Agronomia.

— BERNARDINO ANTÓNIO GOMES — *Memória histórica sobre os alienados*, in *Jornal*, da «Sociedade das Ciências Médicas», 19. Lisboa, 1844.

Nasceu este ilustre médico em 1806 e faleceu em 1877. Doutor em Medicina por Paris. Matemático e naturalista. Higienista e farmacólogo, foi um dos mais activos trabalhadores das reformas do ensino médico em Portugal.

exemplo, a propósito do de Buitengastheni (a um quarto de légua de Amsterdão) as palavras do especialista Dr. Guilain, ditas em 1842 :

— «vous y trouverez le comble des misères humaines. Un melange, un desordre affreux, difficile à dire. Des furieux entassés pêle-mêle dans des salles de quinze à vingt lits, se livrant à tous les excès, à tous les actes turbulins possibles; — des hommes enchaînés dans leurs lits par les mains et les pieds, et cela depuis des années; — dans les cours, enchaînés aux murs, a peu-près comme le sont les singes dans les menageries. — Par tout l'imbecilité et la rage dans les traits. — Des aliénées nus, accroupis, qui se plaignent de ne pas avoir assez de nourriture; de la maigreur chez eux, et une paleur cachectique — et quels horribles cachots!

Il me semble encore voir ces guichets, ces gands, ces ouvertures rondes, menagées au dessus des portes, ces chaines, ces portes brunes qui les ferment, je sens encore cette odeur mephitique, qui s'en exhalait au moment de ma visite: — figurez vous la position de ces malheureux au nombre de 150 a peu — près! — Chacun conte 10 sous par jour à l'administration: mais celle-ci ne fournit pas les habillements: il faut que les malades restent nus, quand ceux-là sont usés, ou ne sont pas renouvelés par leurs familles.

... nule part, excepté peut-être a l'ospedalets a Genes je n'ai rencontré ce que j'ai trouvé a Amsterdam».

O mesmo dissera dos hospitais holandeses, o Prof. Schraeder Wan-der-Kolk, em 1837.

Como ouvimos, lá, como cá, más fadas havia... Aludindo, com louvor, ao Hospital de Gand, elogia o serviço ali prestado pelas Irmãs de Caridade «instituição a mais benfazeja, e do mais inestimável valor para tais estabelecimentos». Fala da célebre colónia de alienados de Gheel, que diz existir desde o século XII; uma santa, Dimphna<sup>1</sup>, é ali a padroeira dos pobres doentes, sob cuja protecção os colocam.

---

<sup>1</sup> DOUGLAS GUTHRIE, em *A History of Medicine* (1945, Londres) alude a *Saint Dymphna, a martyr of the seventh century*, padroeira da demencia. (pág. 99). Na edição espanhola deste tratado (*História de la Medicina*, 1947, Barcelona), o nome é registado como Santa Difna (pág. 122).

Fala assim o Prof. Bernardino Gomes :

— «Comem e vivem com as famílias; ocupam-se nos serviços domésticos e rurais; e o hábito tem de tal modo familiarizado com o espectáculo destes desgraçados nas casas e nas



Fig. 6

Lê-se nesta estampa :

«Medalha Prodígiosa do Caritativo Patriarcha S. João de Deos adevogado das emfermidades, como se manifesta pelos pasos de sua admiravel Vida, Em.<sup>mo</sup> Snr. Card. Patriarcha consede *cem* dias de Indulg. pela forma determinada pela Igr.<sup>a</sup> a todas as pessoas q.' venerarem a Medalha com a Imagem de S. João de D.<sup>s</sup> e rezarem hum P. N. e huã Ave M. e Gloria patri aonra do mesmo S.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> q̃. Ihe alcance de D.<sup>s</sup> o despacho de suas supplicas : dedicada a suas Mag.<sup>es</sup> fidelisimas e Soberanas pelo P.<sup>o</sup> F.<sup>o</sup> Joaquim de Iesus M.<sup>a</sup> Ortigão Relig.<sup>o</sup> da Ordem do mesmo S.<sup>to</sup> em o Comu.<sup>o</sup> de Lx.<sup>a</sup> anno de 1783.»

Estampa existente na Sociedade Martins Sarmento (vid. *Coleção* respectiva, indic. na fig. 1), n.<sup>o</sup> 963 (1164).

ruas, que ninguém estranha vê-los entregues a seus desvarios, livres, presos a correntes, atados a uma argola segura na parede, ao leito em que jazem, ou de outro modo».

Segundo a informação de Vander-Maelen, «les habitants de Gheel traitent les insensés avec une familiarité qui captivent leur confiance. Ils devinrent leurs penchants, savent se prêter à leurs bisarreries, ou les combattre à propos; une longue observation leur a donné le secret des moyens à employer pour chaque genre de folie. Souvent d'un mot, d'un geste ils calment les plus furieux».

Ao tratar dos hospitais alemães (Sachsenberg, Sonnestein, Winnenden, Viena, Munique, Achern-Baden-Siebourg, etc.), elogia o de Achern, onde assistiu às lições, em latim, do Prof. Schnnischein.

Fala, também, da Itália e seus hospitais, como de Veneza, com a assistência dos Irmãos Hospitaleiros da Caridade (um deles cirurgião pela Universidade de Pádua). E comenta: — «que respeitáveis seriam sempre, e em toda a parte, as ordens monacais, se tivessem sabido ligar por este modo os seus Institutos a fins de tanta utilidade; quanto não ganhariam elas em consideração, a Sociedade em vantagens, e lustre em Religião.

Parece estarmos a ouvir o célebre Voltaire, que escreveu o seguinte, a respeito de médicos: <sup>1</sup>

— «Il se trouva enfin vers l'an 1517 un citoyen nommé Jean, animé d'un zèle charitable; ce n'est pas Jean Calvin que je veux dire, c'est Jean surnommé de Dieu, qui institua les frères de la charité. Ce sont avec les religieux de la rédemption des captifs les seuls moines utiles. Aussi ils ne sont pas comptés parmi les Ordres. Les dominicains, franciscains, bernardins, prémontrés, bénédictins, ne reconnaissent pas les frères de la charité. On ne parle pas seulement d'eux dans la continuation de l'Histoire ecclésiastique de Fleury».

E por aí fora, o célebre filósofo francês derrama o seu comentário — e agora infeliz, a propósito do valor das Ordens religiosas.

A nós interessa-nos, neste momento, recordar que era tal o mérito de S. João de Deus que o terrível Voltaire o elogia e

<sup>1</sup> *Dictionnaire Philosophique*, vol. XI, ed. de Paris, 1832, pág. 127.

distingue, como notamos, na sua obra tão discutida e malfazeja! Enganou-se, porém, na data de 1517: a esse tempo o nosso Santo teria cerca de 22 anos e estava muito longe ainda do momento da divina chamada!

Mas, prossigamos. Descreve o Dr. Bernardino António Gomes o serviço de outros hospitais italianos (Milão, Turim, etc.), a assistência religiosa de alguns, a existência de meios mais ou menos violentos de contensão de alienados (camisola de forças, cinturão de Hallaran, etc.), alude ao tratamento suave dos doentes por um ex-religioso, Giovanni Linguiti, que operava curas prodigiosas, o que atraía ao hospital de Aversa a visita de médicos e especialistas.

Ao tratar do sistema de assistência hospitalar a alienados, em França, declara que as providências a favor desses infelizes datam do século XVII. Elas pouco mais tinham, em princípio, por objecto «que abrigar a sociedade do prejuízo que podiam causar. As prêgações de S. Vicente de Paulo, sua eloquente e caritativa voz foram dos primeiros brados e enérgicos esforços a favor destes infelizes. Em 1785 Colombier marcou pela primeira vez as regras de tratamento a seguir nos estabelecimentos públicos de alienados. Pouco depois, e seguindo as suas pisadas, Tenon, em memória especial, e num relatório feito à Assembleia Constituinte, continuou a chamar a atenção sobre este importante objecto...

... O Hospital de Charenton, edificio primitivamente construido em 1645 pelos Irmãos da Caridade, <sup>1</sup> recebeu os primeiros alienados em 1802; aí os demoravam por espaço de três meses, e se dentro desse prazo se não curavam, eram mandados aos asilos de Bicêtre e Salpêtrière. Vieram os trabalhos de Pinel e ninguém mais do que este médico filósofo concorreu para dar impulso aos melhoramentos que se tem seguido depois nesta importante matéria.

Relembra a influência de Esquirol, apontado como pioneiro do tratamento humano dos loucos, como Pinel. Descreve o hospício de Charenton, de Esquirol. O trabalho, o ensino das letras e das ciências, como ocupação dos doentes é digno de elogio,

---

<sup>1</sup> Charenton-la-Pont. Hospício de alienados criado em 1642 por Sébastien le Blanc e servido por Irmãos de S. João de Deus até 1789 (Revolução Francesa).

bem como os sistemas de tratamento dos hospícios de Vanves e Ivry, bem como os esforços dos especialistas Falret e Voisin. Por fim, deixa no seu relatório os melhora encómios ao sistema inglês. Descreve (e apresenta plantas topográficas) os principais hospitais psiquiátricos de Bethlem, Luke, Guy e Hanwell.

Existia então o sistema de tratamento pelo trabalho (*terapia ocupacional*), instituído pelo Dr. Ellis, que sucedeu ao Dr. Conolly, homem de invulgares qualidades. Eis o que escreveu o Dr. Bernardino Gomes :

— «Se à voz de Pinel começaram por toda a parte a cair dos punhos e pés as pesadas correntes aos desgraçados alienados, à do Dr. Conolly principalmente deve-se hoje a quase completa supressão de todos os outros meios de repressão».

O Hospital de Bethlem pouco depois de 1547 fora adoptado a alienados (reconstruído em 1675). Diz então o Prof. Gomes :

— «Não era este o seu estado há pouco mais de 20 anos ; as cadeias, as prisões por argolas às paredes, e semelhantes outros meios de tratar os infelizes alienados eram ainda prodigalizados então naquele estabelecimento. Foram mesmo revelados ao público factos os mais horrorosos : o de um desgraçado, por exemplo, que viveu assim encadeado pelo espaço de 12 anos!»

Recomenda o Hospital de Retreat (York), instituído pelos Quakers desde 1792. E fala de outros :

— «a Inglaterra é dos países, entre os que percorremos onde a sorte dos alienados tem tido melhoramentos mais assinalados... O sistema do trabalho, introduzido nestes estabelecimentos como meio de ordem e de tratamento, e o quase completo abandono dos meios de repressão, tem também na Inglaterra tido applicações práticas, em uma extensão e com um proveito, que a coloca ainda a este respeito no primeiro grau entre as outras nações».

Em alguns, o asseio e a ordem são exemplares, comenta o Prof. Bernardino Gomes.

Quanto ao relatório do Prof. Caetano Beirão, abre-o com o seguinte dístico de Esquirol (*Des maladies mentales*, 2.º, 133:) — «Une maison d'alienés est un instrument de guérison : entre les mains d'un médecin habile, c'est l'agent thérapeutique le plus puissant contre les maladies mentales».

Lembra o horror da alienação mental e os esforços de Howard, Pinel e Esquirol. Lamenta que tão tarde nós acordas-

semos em Portugal, recordando os esforços dos médicos e da Sociedade das Ciências Médicas. Alude ao desgraçadíssimo e miserável estado dos alienados na França, Alemanha e Inglaterra. Relembra os estudos dos Drs. Joaquim Pedro de Abranches Bizarro e Bernardino António Gomes e recorda os seus de 1847 e o facto de as comissões para o estudo respectivo tê-las o nosso Governo procurado nessa Sociedade ou na maioria dos seus membros. Cita a nomeada por portaria de 7 de Junho de 1844, que apresentou um relatório em 15 de Outubro de 1845 e a de 15 de Novembro de 1848, com exposição entregue ao Governo em 26 de Fevereiro de 1849, há um século. Pertenceu a esta última comissão a ilustre figura do Prof. Caetano Beirão, que transcreve o seguinte passo de Esquirol :

— «Eu os tenho visto nus, cobertos apenas de farrapos, não tendo senão a pele para os defender da humidade do chão, sobre o qual jaziam deitados. Eu os tenho visto mal alimentados, privados do ar para respirar, da água para matar a sede, e de tudo quanto é essencial à vida. Eu os tenho visto entregues a verdadeiros carcereiros, e abandonados à sua brutal vigilância. Eu os tenho visto em cárceres pequenos, imundos, infectos, sem ar e sem luz, metidos em cavernas, nas quais haveria receio de meter as feras, que o luxo dos governos mantém à custa de grandes despesas...»

Isto parece o que já vos li do Dr. António Maria de Sena, escrito 34 anos depois!

Reit, em 1803, escrevia sobre a assistência psiquiátrica na Alemanha, segundo conta o Prof. Caetano Beirão :

— «horroriza-se a gente quando entra nestes asilos de desgraça e de aflição, não se ouvem senão os gemidos do desespero...

...é uma coisa horrível ver-se assaltado por infelizes cobertos de farrapos, repugnantes e asquerosos pela sua imundície; ao mesmo tempo que não há senão cadeias, cordas, e as brutalidades dos guardas para impedir que outros se aproximem».

Contudo, em 1810, Chiaruggi e mais médicos verberavam a assistência psiquiátrica alemã, italiana, etc.. E comenta Beirão :

— «Se alguma vez um estabelecimento público pode cobrir de desonra a Inglaterra, foi, na verdade, o hospital de Bethlem, dizia Sir Bennet na Câmara dos Comuns em 1815; e contudo os relatórios inexactos a seu respeito, tanto em Inglaterra, como

na Europa inteira, propõem este hospital como modelo a todas as Nações do mundo».

E aludindo ao mal dos de outros:

— «à vista de um quadro tão medonho... quem deixará de reconhecer que Portugal, apesar de ter caminhado tão vagarosamente neste ramo da pública administração, ao menos pode ter a glória de que nunca desceu tanto na escala da civilização e da humanidade como esses povos, que se nos inculcam como modelos para imitar em tudo e por tudo?»

E prossegue convicto:

— «nunca aí observaram factos que se possam comparar com aqueles que Esquirol descreve na Alemanha, na França e na Inglaterra: graças talvez à índole desta Nação portuguesa».

Aludia ao Hospital de S. José. E remata:

— A índole de todos os médicos que dirigiam estas enfermarias opor-se-ia a um tal processo, antes de martírios que de tratamento!»

Ao lembrar a criação da enfermaria de alienados no Hospital da Marinha, pelo Dr. Bernardino Gomes, e ao seu esforço para humanizar enfermeiros para nela assistirem, esclarece que lhes exigia «forte corpulência» ainda que possuíssem inteligência limitadíssima!

No hospital de Rilhafoles, que Beirão dirigia, também muito lhe custara, como conta neste relatório, a humanização do pessoal de enfermagem. E clama, referindo-se à doçura e à paciência:

— «Quantas vezes tenho sofrido, na presença dos empregados, as injúrias e vociferações mais pungentes e descomedidas dos alienados, com suma paciência e doçura...», para dar o exemplo.

E afirma: «se os princípios religiosos, e os sentimentos de filantropia não dirigem estes trabalhos, difficilmente se pode esperar que o medo do castigo e a esperança do prémio sejam os únicos móveis capazes de produzirem empregados zelosos, e sobretudo benévolo e afáveis».

E louva o tal sistema de Gheel, «onde todos os moradores da povoação são médicos desta especialidade».

Diz: — «quanto seria para desejar que os nossos empregados do hospital de alienados vissem nos moradores de Gheel o tipo da sua conduta».

Esclarece que «suavidade, brandura e vigilância» são o que

a Ciência requer hoje como base «do tratamento moral desta horrível enfermidade».

Em determinado passo, descreve esta cena, semelhante à que vos li há pouco: — Um Ministro da Coroa... visitou pelo meado do ano passado a enfermaria dos alienados do Hospital de S. José; passando ao longo do corredor abre-se uma porta, sai do interior de um montão de palhas um espectro com o cabelo eriçado, os olhos brilhantes e incertos, os músculos da face contraídos, a boca entre-aberta, e lançando as mãos às grades de ferro, que o separam do nobre Ministro, exclama — dá-me água, dá-me água... O espectro era um furioso, a exclamação concebida em duas palavras, o mais valioso requerimento que há séculos se fez nesta terra, e o Ministro humano e sensível, o neto do grande Marquês de Pombal; que tal foi a impressão que lhe fez esta cena horrorosa, que desde logo determinou o melhoramento da sorte destes desgraçados; empresa de que não tem desistido desde 15 de Novembro do ano próximo passado». <sup>1</sup>

Refere-se ao Ministro Mousinho de Albuquerque, que revelava a preferência de Rilhafoles ao Hospital de S. José, quanto à assistência a alienados. Foi por diligência daquele outro ministro que essa desejada transferência se efectuou.

E diz — «Se a voz eloquente de S. Vicente de Paula coadjuva tão poderosamente os esforços de Colombier a favor dos alienados na França, a sua casa em Portugal é convertida num novo Charenton! Se é apenas uma coincidência, devemos confessar que é uma notável coincidência».

Comparando o de Rilhafoles <sup>2</sup> com o de S. José, exclama: — «masmorras imundas e infectas em que jaziam sepultadas nas enfermarias do Hospital de S. José...» <sup>3</sup>

Eis o que se passava lá fora e cá dentro, nos três primeiros

<sup>1</sup> Sena alude ao Dr. F. Mendes Pulido como inaugurador dos métodos de Pinel e Esquirol no tratamento dos dementes em Portugal.

<sup>2</sup> A Quinta de Rilhafoles era dos Lazaristas (S. Vicente de Paulo) ou Rilhafolenses. Vd. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, S. João e S. Paulo, XIV, 772.

<sup>3</sup> Beirão propõe a acupação dos alienados em vários sistemas de actividade como a horticultura. Vd., também o citado *Jornal da Soc. das Sc. Med.*, 1886 (pág. 123, 149 e outras) a propósito do Hospital para doidos, Lx.<sup>o</sup>.

quarteirões do século XIX. Vozes protestantes, não faltaram. Vozes amigas dos pobres loucos, eram muitas. Mas S. João de Deus já vivera há muitos anos! Já esquecera a sua obra humana do tratamento dos dementes.

E antes destes tempos, o que se passou no mundo médico relativamente à assistência psiquiátrica humanizada, a favor da própria ciência e em benefício dos desventurados enfermos?

O velho Hipócrates, de Cós, incontestável criador de Medicina científica, enunciou o princípio há 2400 anos, embora rudimentarmente.

Areteu de Capadócia, aí pelos fins do século II antes de Cristo, aborda o assunto. Mas Célio Aureliano, 80 anos antes do nascimento de Jesus, declara que o tratamento violento dos doidos é «deplorável, agrava o estado do enfermo, ensanguenta seus membros e lhe oferece o triste espectáculo da dor»<sup>1</sup>.

O grande médico patrício romano Celso, de há 1900 anos, prescrevia sensata terapêutica aos alienados (persuasão, dieta, mudança de residência, viagens). Também Sorano de Éfeso contrariou o método primitivo e brutal aplicado àqueles pobres doentes<sup>2</sup>.

Superstições variadas em que entrava muito de feitiçaria e magia ocasionaram o recrudescimento dos maus tratos a dementes.

As indicações humanitárias dos velhos médicos não lograram favores: foram palavras ao vento; outras o pergaminho as guardou, para com ele apodrecerem. Continuou a humanidade a julgar possesso ou malfeitor alienado. Queimam-no, açoitam-no, desterram-no, enchem-no de cadeias e grilhões, marcam-no a ferro em braza!

Esquirol exclamava, em 1813: os loucos são mais mal tra-

<sup>1</sup> BRUNO CASSINELLI — *Historia de la locura*. Trad. espanhola de Noguín — Barcelona, 1942.

<sup>2</sup> É digno de leitura o trabalho de Arienskappers, *L'Histoire de la thérapie des maladies nerveuses et mentales et son état actuel*, de 1927 (Vd. «VIème Congrès International d'Histoire de la Médecine» — Leida — Amesterdão, 1927, Antuérpia, 1929). Este autor aponta no ano de 1840 a descoberta da «camisa de força», por Macbride.

tados que animais! Guardam-se ainda, em museus próprios, os instrumentos de sua tortura. De vez em quando, alguém mandava, piedosamente, forrar de pano as algemas e cadeias com que se amarravam os agitados e furiosos, a fim de que as dores fossem menores! Para o açoitamento, uma coluna de ergástulo se levantava ao meio da cela e nela se encordoava o mísero doente que o havia de sofrer.

Dez, vinte, quarenta anos contavam alguns dementes de encarceramento, presos com cadeias a argolas ou atados a cadeiras próprias, que nada mais eram do que sarcásticos troncos de morte!

Outras vezes, andavam os pobres encarcerados em verdadeiras jaulas ambulantes, com a própria família. Obrigatoriamente de joelhos, quantos sofriam insultos e torturas para que negassem o que seus delírios lhe faziam dizer. Os seus guardas, irònicamente chamados enfermeiros, aos melancólicos os rodeavam a ulular, com máscaras e gestos de atormentados, para que despertassem do seu torpor.

Em outros hospitais ou cadeias eram os pobres enfermos obrigados a moverem continuamente uma roda que nada produzia, em acto de trabalho ridículo e inútil!

As portas das casas de orates, dessas horríveis casas de loucos, abriam-se de par em par, em certas épocas do ano, para que os miseráveis fossem apreciados, em distracção medonha, pelos habitantes da terra.

Assim se fazia nos 3 dias de Carnaval, em Lubeck, onde era moda tal costume. Em Berlim os cidadãos iam ao manicómio como quem vai ao teatro, conta Cassinelli. E em Viena, como o povo, especialmente crianças e jovens apedrejavam os infelizes, vaiavam-nos inexoravelmente, agrediam-nos à paulada, arremessavam-lhes lodo, a lama, os excrementos das ruas! No Bedlam, de Londres, em pleno século XVIII, pagava-se a entrada para se contemplar os loucos enjaulados e encadeados!

Quantos cristãos a isto assistiam? Seria aqui próprio o comentário de Gandhi<sup>1</sup>, quando dizia: — «el cristianismo es verdadeiramente bueno, pero los cristianos son realmente malos».

<sup>1</sup> Cit. in *Arbor*, Madrid — Setembro e Outubro de 1949.



Fig. 7

Estampa da Bibliot. Nac. de Paris, de Abraham Bosse (1602-1668), que reproduz da valiosa *Historia de la Medicina*, do Prof. Artur Castiglioni, e mostra a Enfermaria do Hospital da Caridade naquela capital. Tem os seguintes versos :

Vous aurez beaucoup merité,  
 Pour jouir des choses prosperes ;  
 Si vous suivez la CHARITÉ,  
 Qu'exercent icy ces bons Peres.  
 Vous voyez combien ardamment  
 Leur propre Vertu les oblige  
 A secourir à tout moment  
 Ceux que la Maladie afflige.  
 Ils font toute sorte d'efforts,  
 Dont vn zèle saint les enflamme ;  
 Et pour la guerison du Corps,  
 Ils pensent au salut de l'Ame.  
 Imitant leurs soins genereux,  
 Vous devez employer vos peines  
 A servir les Pauvres comme Eux  
 Dans les infirmités humaines.

Sob estes versos, a legenda : A Honorable et Vertueuse Dame FRANCOISE ROBIN  
 vëusue de feu JEAN L'INTLAIR viuant Ingenieur du Roy en ses Fontaines artificielles. D. D.  
 (não pode lêr-se o restante).



Assim como S. João de Deus, açoitado, apedrejado, vaiado até pelos próprios que se diziam fiéis de Deus!

O martírio dos doidos durou muitos séculos. Praticamente, só no que terminou há 50 anos as coisas começaram a melhorar, embora precariamente. Em 1883, no nosso país, ainda clamava o Dr. António Maria de Sena, no citado trabalho, protestando contra a incúria do Estado «que decidam depois se a abolição da pena de morte e da inquisição exprime uma fase de evolução adiantada nas nossas faculdades morais ou uma regressão imposta por covardia abjecta. Descrever, pois, estes quadros, e pedir remédio pronto, creio ser um serviço aproveitável».

E referindo-se ao Hospital de Rilhafoles, escrevia.

— «é um depósito desordenado dos desgraçados loucos que não têm meios de subsistência e que a polícia prende e dos que não tem família que os queiram e possam sofrer; no qual nem se presta, por impossível, a assistência humanitária reclamada pela infeliz situação dos desventurados loucos e aconselhada e incitada pelos sentimentos mais elementares de humanidade e decoro público, nem se coligem, estudam e aproveitam os elementos científicos que podem enriquecer a medicina e servir de base à profilaxia mais conveniente...»

Todavia, era incompreensível a situação de certos hospitais por todo o mundo antigo: ali, como por exemplo, em Bizâncio e entre os árabes, magníficas casas onde o tratamento dos doentes era cuidado e primoroso; aqui, como no Hospital de Todos-os-Santos de Lisboa, como no Real de Goa, no século XVI, onde havia teatro e música para recreio e amenização dos enfermos.

Entretanto, outros hospitais eram simplesmente covas imundas, onde se morria asquerosamente uma vida de mil mortes!

Por isso haviam surgido ordens religiosas que à cura e enfermagem devotavam muita de sua actividade. Das obras de piedade cristã lá figurava e figura, felizmente, a nobilíssima tarefa de tratar dos enfermos. A Idade-Média está repleta de notáveis exemplos da aplicação dessa tarefa.

Entre as Ordens, citemos a de Santo Antão ou Santo António de Viena, os Antoninos; os cavaleiros de S. Tiago; a do Espírito Santo, todas anteriores ao século XIII<sup>1</sup>. E foram hospitalei-

<sup>1</sup> FERNANDO CORREIA — *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, 1944, pág. 182.

ras certas Ordens religiosas como a de S. João de Jerusalém ou de Rodes, dos Templários, a Teutónica, a de Santa Isabel da Hungria <sup>1</sup>.

Na Espanha (onde triunfou a caridade de S. João de Deus, nesse burgo granadino tardiamente conquistado aos mouros), na Espanha sentira-se benéfica reforma hospitalar aí pelo século XV <sup>2</sup>. Alguns e famosos hospitais se haviam aberto há muito. Uns, destinavam-se a loucos, como aquele em que S. João de Deus foi um dia recolhido e onde conquistou a maior glória da sua santidade <sup>3</sup>. Relembro que em 1409 <sup>4</sup> se abria em Valência o primeiro manicómio da Europa, se é que não foi o Hospital de Bedlan, em Londres, antes do século XV ou o de Maristan, na dita Granada, parece que desde 1375, embora este não fosse destinado a loucos.

O referido manicómio de Valência de 1409 criou-o a piedade fervorosa de dez negociantes da cidade, iluminados pela palavra convincente do prègador Frei Juan Jofré. Era o *Espital dels Folls*, depois Hospital de Nossa Senhora Santa Maria dos Inocentes.

Ao grande humanista e filósofo espanhol Luís Vives, que morreu em 1540, se aponta, no conceito do Prof. Guthrie, como precursor do tratamento humanitário dos alienados. O Dr. Fernando Correia largamente nos informa sobre todo este movimento hospitalar de Espanha e particularmente de Granada, antes e depois de S. João de Deus <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Id., id., pág. 316.

<sup>2</sup> FERNANDO DA SILVA CORREIA — *Alguns aspectos sanitários e da história da assistência em Espanha*, in «Boletim do Instituto Superior de-Higiene Doutor Ricardo Jorge». Ano II, n.º 9, Lisboa, 1947.

<sup>3</sup> Aponta KAPPERS (ob. cit., pág. 10) que o trabalho ao ar livre (jardinação, lavoura) se usava já em Saragoça, no século XVII. Já aplicada a ergoterapia (*laborterapia*, *praxiterapia*) em muitos países (Kappers, em 1927, historia a da Holanda) o seu uso benéfico em Portugal foi bem documentado, não há muito, em uma curiosa e expressiva exposição de trabalhos de alienados, na capital (Serviços dos Professores Dr. António Flores e Dr. Barahona Fernandes e seus ilustres companheiros e discípulos). Como contava em 1927 o Dr. Kappers em certos manicómios já trabalhavam útilmente 95% dos internados.

<sup>4</sup> FERNANDO CORREIA — Ob. cit.

<sup>5</sup> Diz SÁNCHEZ GUISANDE, na sua *História de la Medicina* (Buenos Aires, 1945) «Chiarugi, practicando la autopsia de los enfermos mentales, y Daquin,

Se folhearmos os melhores tratados actuais de História de Medicina encontraremos opiniões quase unânimes sobre a paternidade da ideia do tratamento compassivo dos dementes. Assim é que o Prof. Artur Castiglioni aponta o grande médico Vicente Chiarugi como precursor do método ou sistema. Isto em 1793. Mas já dois anos antes, José Daquin de Chambery, proclamava idêntica sugestão, pedindo, como Chiarugi, a abolição de celas e grilhões.

Mas seria Filipe Pinel que, no princípio do século XIX, lograria acabar com o encadeamento de doidos internados em Bicêtre. Seguiram-lhe o exemplo de João Esquirol e André Ferrus, seus discípulos. Por quanto tempo?

Claramente que nem Castiglioni, nem os outros historiadores manuseados aludem ao maior e mais prático dos percursores que foi S. João de Deus. De entre os consultados também mudo é o manual de Paulo Diepgen, que recorda Pinel e Chiarugi. Meunier segue o mesmo critério, como Garrison. Este, contudo, é um pouco mais explícito quanto a Pinel, declarando:

— «Com risco da própria vida e da sua liberdade, iniciou as reformas de suprimir as correntes, colocar os doidos em hospitais com médicos de bom carácter e eliminar dos tratamentos todo o abuso de medicamentos e de sangrias a que estavam sujeitos».

Sedativos e excitantes, de toda a ordem, eram a base da terapêutica, desde tempos longínquos.

Isto, quanto ao estrangeiro.

E em Portugal? — Sabem todos da fundação do *Hospital-de-Todos-Santos*, na capital, em 1492 e da criação das Misericórdias, como a do Porto, em 1499. Assim principiou, oficializado, sistemático e permanente o amparo aos enfermos e infelizes.

censurando el procedimiento de reclusión en celdas de castigo, señalan una orientación más humana de la terapéutica frenopática a la que se había adelantado el español Luis Vives (1492-1540), iniciador del psicologismo científico; y fué él quien pidió para los locos mejor trato que el usado hasta entonces, *porque eran enfermos*.

Se hemos de hacer honor a la verdad debemos decir qui es también a los españoles a quienes se debe la creación de los *Manicomios*, pues ya en 1409 Jofre de Gilabert habia fundado em Valencia el primero, al que siguieron los de Zaragoza (1425), Sevilla (1436) y Toledo (1483)».

Duas obras admiráveis, que nós Portugueses jamais nos cansaremos de louvar.

Pois em 1539, ano em que S. João de Deus saía do hospital de Granada em que estivera internado largo tempo, passava-se em Lisboa um facto que demonstra a existência de um tratamento especial de doidos no Hospital Real de Todos os Santos.

Tratava-se da assinatura de um contrato que aquele hospital fez com o P.<sup>o</sup> Pedro Fernandes de Gouveia, aos 25 de Fevereiro, para o tratamento especializado dos dementes. Eu leio parte do documento revelado há 30 anos por Costa Santos <sup>1</sup>:

— «pera que no dito esptall tyuesse carreguo de curar todos os doentes fora do seu sjsó que nele fosse recebidos p.<sup>a</sup> serẽ curados p. elle dysso ter m.<sup>ta</sup> espyrjẽcia e os saber m.<sup>to</sup> bem curar como já fizera a outros m.<sup>tos</sup> que dadjta efermidade forã doentes e os deu sãos».

O termo do contrato estipula o pagamento que receberia e fala de «myl res p as mezynhas p cada doẽte q curar ou lhe sejam dadas as ditas mezinhas».

O P.<sup>o</sup> Gouveia era de Lourosa, no termo de Coimbra e, como diz o contrato, tinha muito «saber e experiência».

Nada sabemos do método usado por este sacerdote alienista. Mas o que sem dúvida se pode admitir é que o seu tratamento não seria desumano, que ao mesmo aliaría certo influxo religioso e que o emprego de remédios (mèzinhas) deixam antever uma terapêutica racional. Passava-se isto em 1539, no Hospital de Todos os Santos, onde havia assistência a alienados mentais.

Creio que esta informação, aliás já há muito posta em letra redonda, não se me afigura importuna. Seja como for, Portugal não aparecia, ao tempo, como tantos países em cujos hospitais se não cuidava desses desventurados enfermos. Por certo, no nosso Hospital, mercê desta providência, os infelizes doidos não seriam espancados, queimados com ferro em braza ou agrilhoados às colunas e argolas. O acordo com o P. e Gouveia lá dizia que servisse o cargo «com todo o cuidado, diligência e caridade», para que o Senhor Deus seja servido!

<sup>1</sup> COSTA SANTOS — *A primeira notícia sobre tratamento de alienados em Portugal*, in «Arquivos de História da Medicina Portuguesa» — Nova série, II.<sup>o</sup> ano, Porto, 1950, pág. 49 e seguintes.

Esta diligência dos bondosos administradores do Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, merece lugar próprio e digníssimo na História da Medicina Portuguesa e na da nossa Assistência Social.

Não sei, não sabemos se S. João de Deus conhecia este facto; soldado que foi por tantas terras da Europa, não lhe seriam desconhecidas instituições congêneres onde se ensaiasse método também congêner. A especialidade da Psiquiatria não era tão invulgar, ao tempo, como a muitos parece. Basta dizer que em Portugal, de entre muitos especialistas dos diversos ramos da Medicina, são conhecidos alguns dos séculos XVI e XVII, dedicados às doenças mentais. Assim, por exemplo, a lisboeta Antónia da Mota era passada carta em 1575 para curar de *doudice*. Parece que era perita na matéria, ao que diz a sua licença, que lhe permitia tratar de doidos, e somente destes.<sup>1</sup>

Também a Baltazar Teixeira, no ano de 1635, foi passada carta para poder curar doidos e usar nisso emplastros e mênzinas. Este especialista foi examinado por dois médicos e dois boticários, que o deram todos apto.

Existiu, entre nós, como se vê, desde o século XVI, pelo menos, assistência médica especializada psiquiátrica. Os exemplos que puz em relevo sobejam para o provar.

O Hospital de Todos-os-Santos já mantinha, desde o século XVI, uma *casa de orates*, isto é, enfermaria de doidos. No século XVIII o nome de S. João de Deus patrocinava já duas

<sup>1</sup> Eis o texto da carta passada a esta especialista de doidos, em 1575, publicada pelo ilustre investigador Sousa Viterbo (*Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, nova série, 5.º ano, Porto, 1914, pág. 144):

«Don Sebastiam &c A todos os corregedores, ouidores, juizes, justiças de meus Reynos e señorios, a que esta minha carta de licença for apresentada e o conhecimento della pertencer, saude, façouos saber que a mim emviou dize. Antonia da Mota, molher de Domingos Correa, morador nesta cidade de Lixboa, ao Moynho de vento, qne ella curara te o presente de doudice, no que fizera muyto proueyto, e porque ella nã pedia curar sem minha licença me pedia lha desse pera curar da dita desposição, e receberia merce, e visto por mim seu dizer e pedir e o que as testemunhas dizem no estromento que apresentou, e ao que constou do exame que lhe fez o doutor Sebastiao Roiz dAzeuedo, meu fisico moor, lhe dou licença pera que ella possa curar da dita infirmitade de doudice soamente, e de outra algũa infirmitade não, a qual Antonia da Mota jurará na chancelaria, etc....»

enfermarias. Um século antes, os loucos ocupavam ali 5 casas e as loucas 4.<sup>1</sup>

Como nos melhores hospitais do mundo, a divisão das doenças por enfermarias estava ali estabelecida já no século XVI,



Fig. 8

S. João de Deus

Alto-relevo, em barro, executado por Luís de Pina, autor deste trabalho  
Interpretação pessoal

como no Mosteiro de Guadalupe, visitado por S. João de Deus. Neste a separação ia ao ponto de haver casa própria

<sup>1</sup> MAXIMIANO LEMOS — *História da Medicina em Portugal*, vol. I, Lisboa 1899, pág. 161.

para fricções, para moléstias contagiosas, para expostos e para peregrinos.

Tudo com certeza viu e examinou o nosso Santo, que não esqueceu a lição, antes a aproveitou e melhorou devotadamente.

Nos fins do século XVI e princípios do século XVII eram enfermeiros naquele nosso Hospital de Lisboa os Irmãos Obregões (da Ordem fundada recentemente por Bernardino Obregon e destinada, como a anterior de S. João de Deus ao tratamento de doentes). Não deram estes irmãos boa conta de si. Só muito mais tarde os Irmãos de S. João de Deus chegam a Portugal, quer dizer, 56 anos após a morte do seu criador <sup>1</sup>. Pode lêr-se um pouco dessa história em livro de José Nogueira <sup>2</sup>. Esses Irmãos Obregões, já citados, despedidos em 1606, foram readmitidos em 1630, para novamente serem dispensados em 1644.

Ressurgida no século XIX, de um longo colapso, em todo o mundo, a Ordem de S. João de Deus fundou em 1893 a Casa de Saúde do Telhal, hoje cabeça da Província Portuguesa. E o que foi depois a extensão de casas do género é bem compreensível se dissermos que a Ordem possui actualmente 10 casas,

<sup>1</sup> Os Irmãos de S. João de Deus também se chamavam Hospitalários ou Hospitaleiros, Irmãos da Caridade, etc. Recordar-se a existência da Ordem dos Hospitalários que já de D. Sancho I recebiam largas doações (ano de 1194) conforme nos conta o P.<sup>o</sup> Miguel de Oliveira (*História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa 1940, pág. 119). Em França se chamaram também *charitains*. Por *ignorantinhos* eram ainda conhecidos (vid. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vocábulo *menores franciscanos*). Sobre a história destes beneméritos irmãos leia-se o que diz a *Encyclopédie Universelle — Dictionnaire des Dictionnaires*, dirigida por Paul Guérin (Paris, s/d.): — «Pie V approuva l'ordre en 1572 et lui donna la règle de Saint Augustin en y ajoutant quelques réglemens. Marie de Médécis appela en France quatre frères qui s'établirent à Paris. Marguerite de Valois leur donna des maisons et des jardins rue des Saints-Pères. Cest là qu'ils instituèrent l'hôpital de Saint-Jean de la Charité, chef-lieu de l'orde. Rentrés en France sous la Restauration, ils établirent leur noviciat à Lyon et fondèrent à Paris (1843), rue Ondinot, une célèbre Maison de Santé, et en 1858, rue Recourbe, à Vaugirard, un asile pour les enfants scrofuleux».

Na mesma Enciclopédia, a propósito de *Charité*, lê-se que foram os seus Irmãos introduzidos em França por Maria de Medicis. Fundaram o *Hospital de Caridade*, de Paris, primeiro no Cais Malaquais (1602), depois no lugar actual, dito *Clos de Vignes*, da Abadia de S. Germain-des-Prés (1637), o de Chareton e muitos outros.

<sup>2</sup> JOSÉ MARIA ANTÓNIO NOGUEIRA — *Esparsos, Arqueologia, Etnografia, Bibliografia, História*. Coimbra, 1934.

138 irmãos, 13 oblatos, 10 noviços, 12 postulantes e 40 aspirantes, que servem a 5.000 doentes. Isto há um ano e segundo o testemunho de Frei Bernardino de S. José <sup>1</sup>.

Muito haveria a dizer e a contar ainda sobre este e outros pormenores da vida e do tempo de S. João de Deus, se não fosse já hora de pensar no remate desta palestra. Resta-me, porém, aludir à pretensa loucura de S. João de Deus e a tantas provas de idêntica santidade dadas pelos maiores dos Santos que jamais houve, como S. Francisco de Assis.

Eu recordo, pela pena brilhante de Frederico Ozanam, Professor da Sorbone no século passado, fundador insigne das Conferências de S. Vicente de Paulo e cujo processo de beatificação está a correr; eu recordo o que ele dizia de certo passo da vida de S. Francisco:

— «começava também a amar a humanidade, humanidade crucificada, despojada, atormentada, e por isso se sentia impedido para os leprosos, para todos aqueles que o mundo repele. Desde então jamais teve paz até o dia em que, na presença do Bispo, se despojou públicamente das roupas próprias da sua categoria social para vestir uns farrapos de mendigo.

Os primeiros que o viram passar meio nu, descalço, pelas praças da cidade de que foi ornamento e orgulho, reputaram-no como doido, arremessaram-lhe pedras e lama» <sup>2</sup>.

Todavia, ao cabo de 11 anos, já o Santo de Assis contava com 5.000 homens no seu serviço de pregação e apostolado.

Tal como S. João de Deus, vaiado e corrido à pedra em Granada, quando o vêem quase nu e descalço! A sua Ordem no fim do próprio século em que viveu, já sustentava 235 hospitais e contava mais de 2.000 irmãos. Hoje, os seus hospitais dão 50.000 camas aos enfermos miseráveis <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> FREI BERNARDINO DE S. JOSÉ — *S. João de Deus. Sua vida e sua obra (Resumo histórico)*. Telhal, 1950.

<sup>2</sup> ANTONIO FREDERICO OZANAN — *Los poetas franciscanos de Itália en el siglo XIII*, Buenos Aires, 1949.

<sup>3</sup> Diz Mons. José de Castro, no seu Portugal em Roma, (I, 1939) a respeito do nosso Santo: — «É o único português que é honrado na Basílica de S. Pedro por ser o único fundador de uma Ordem importante. São João de Deus foi o fundador do Hospital dei *Fate-bene-fratelli* existente na ilha Tibrina em frente da Igreja onde repousa o Apóstolo S. Bartolomeu. O nome do hospital foi dado pelo povo romano porque o Santo, de campanha na mão,

Como S. Francisco de Assis e como S. João de Deus, assim começa sua vida de Santidade um dos discípulos do *Poverello*, Jacó de Todi, o mais ilustre dos poetas franciscanos de Itália. Esse, também, «vendeu todos os seus bens, que distribuiu pelos pobres; cobriu-se de farrapos, percorreu igrejas e ruas perseguido pelo rapazio que o apontava a dedo, chamando-lhe Jacó tolo, ou Jacopone»<sup>1</sup>.

Todavia, era Jacó de Todi um ilustre jurisconsulto, humanista de invulgar merecimento, poeta de valia rara, esse que compoz o admirável e precioso *Stabat Mater dolorosa*, uma das mais formosas orações do nosso devocionário católico.

Ao relembrar estes heroicos, humildes e espantosos modos de chamamento dos homens para Deus e para as grandes obras de misericórdia e caridade, eu evoco, com mágua intensa, o que um jovem diplomado por esta escola, há cerca de 43 anos, escrevia na sua tese de conclusão de curso sobre a *Doença da Santidade*<sup>2</sup>. Como a tantos, o desvairo político ou impreparação filosófica e científica não lhe permitiu distinguir loucura e santidade, misticismo patológico e misticismo divino. Desta sorte, não compreendeu esse jovem médico, poeta — aliás distinto que deu tão miseravelmente fim à sua vida, com um tiro na cabeça, não compreendia o que há de heróico, de virtuoso, de excelente e exemplar nessas atitudes estranhas, por certo, mas dignas de atenção e de cuidado.

São as precursoras decisivas de grandes factos históricos. Diz Cassinelli e muito bem que o *Heroísmo não é próprio do sensato. O exemplo da sensatez não cria prosélitos*<sup>3</sup>. Por isso Unamuno, ao comentar D. Quixote de Cervantes, exclama :

---

à laia de S. Francisco Xavier na Índia, ajuntava o povo à sua roda e usava sempre o estribilho de *Fate bene-fratelli* — um convite ao exercício da caridade. Em Roma, na igreja de Santa Bárbara, da confraria dos livreiros, celebrava-se a festa de São João de Deus, tido por eles como seu padroeiro e por esta razão : o Santo, antes de estabelecer a sua Ordem, foi vendedor de livros em Portugal e Andaluzia».

<sup>1</sup> ANTÓNIO FREDERICO OZANAM — *Los poetas franciscanos de Itália*, ob. cit.

<sup>2</sup> MANUEL LARANJEIRA — *A Doença da Santidade (Ensaio psychopatológico sobre o mysticismo de forma religiosa)*, Porto, 1907. Foi aprovada esta tese pela Escola Médico Cirúrgica do Porto com a classificação de *muito bom*, o que não era comum.

<sup>3</sup> CASSINELLI, ob. cit., pág. 177.

— «tudo é verdade, enquanto alimenta generosos anelos e para obras fecundas. Toda a crença que leve a obras de vida é crença de verdade. A vida é o critério da verdade e não a concórdia lógica, que só o é da razão»<sup>1</sup>.

Precursoras divinas essas atitudes estranhas dos Santos, que tanto enganam os descrentes e os fazem dizer, como a esse moço médico da nossa Escola, em 1907, que era inteiramente *desporto* o de S. Francisco visitar e lidar com leprosos! Para esse poeta suicida a santidade era «uma doença, e o êxtase — a sua terapêutica», dizia a rematar a obra que escrevera.

Se há desvairados da razão, como esse médico suicida, a clamar tais monstruosidades, outros, tanto ou mais loucos, vaticinam e profetizam a santidade dos que o mundo considera dementados, em seu princípio de vida heróica. Assim aquele doido que lançou debaixo dos pés de S. Francisco de Assis<sup>2</sup> a sua capa rota para que o prègador humilde não pisasse o pó da estrada, pois já nele via o grande e invulgar santo que o *Pobrezinho* havia de ser!

Explica Cassinelli: — «só o cerebro de um louco, semelhante a um acumulador carregado de electricidade, pode ser susceptível de estes grandes pressentimentos de carácter histórico».

Claro que se desconta neste exagerado exclusivismo o que ele tem de excepção. Mas o certo é que os próprios anormais de mente, os próprios psicopatas, como acabamos de vêr, podem naturalmente considerar, de modo diverso, as atitudes de um santo.

Manuel Laranjeira equiparava a *psicose mística* à *psiconevrose da virtude*! E clamava, como se descobrira um mundo: — «O temperamento místico pode definir-se abreviadamente como sendo uma tendência exagerada para a virtude».

Creio bem que o autor, por certo esclarecido pelas luzes do tempo, não teria cabal conhecimento do que fossem temperamentos, tendências e virtude! Como outros, crê que não são todos degenerados, os homens superiores... No entanto, ao alto de cada página repete as palavras do tema que versa no

<sup>1</sup> CASSINELLI, ob. cit., pág. 177.

<sup>2</sup> CASSINELLI, ob. cit., pág. 251.

texto: *A psychonevrose da virtude* que identifica, portanto, com *a doença da santidade!*

Oiçamos outra definição sua, que assenta em muitas da época: o misticismo é «o síndrome dum estado mórbido constitucional, duma tendência doentia, por exagerado e não uma manifestação patológica derivada exclusivamente deste ou daquele sistema doutrinário. Este sistema não é a causa; é apenas a forma».

Esta lição compreende-se sem ir muito longe procurar a origem: — Júlio de Matos, entre mais, ensinava coisas dessas no seu tempo, expandindo conceitos correntes, hoje tão modificados ou discutíveis. Daí o chamarem muitos desses mestres, reproduzidos por Laranjeira, *epiléptico* a S. Paulo e *histérica* a Santa Teresa! O vocabulário neuro-psiquiátrico acode sempre facilmente às aflições dos que não compreendem o que a Ciência lhes não pode ensinar...

Doença da santidade chamaram e chamam ainda à santidade dos eleitos de Deus os ateus, os descrentes, os filósofos e médicos positivistas. Abençoada loucura então a desses, como dizia alguém!

Conta-se que o mordomo do Hospital em que se recolhera o nosso Santo, a rogos deste o deixara sair, dizendo-lhe: — «Vai, meu filho, que em ti, ao menos, se há loucura, ela é tão doce que seria mister que a contagiasses e estendesses por todos os reinos cristãos».<sup>1</sup>

Disse em 12 de Novembro de 1944 o Santo Padre aos médicos católicos italianos da União Médico-Biológica de S. Lucas:<sup>2</sup>

— «Sufrir, morir, son, si queremos usar la audaz expresión del Apóstol de las Gentes, la locura de Dios, locura más sabia que toda la sabiduría de los hombres».

Abençoada loucura a de tantos, como de Santa Catarina de Sena e S. Francisco Xavier e S. Paulo e S. João de Deus.

Quão longe e distante ela então fica da de um Hamlet, de um Nietzsche, de um D. Quixote, de um Orlando furioso, de um

<sup>1</sup> MARIANO TOMÁS — *Santos Españoles. San Juan de Dios*, Madrid, 1939.

<sup>2</sup> Cfr. FREI AGAPITO DE SOBRADILLO — *Enquiridón de Deontología Médica*, Madrid, 1950, pág. 101.



Fig. 9

Portada da obra fundamental para a história de S. João de Deus, composta por D. Fr. António de Gouveia e ampliada por P.º F. António de Mora (1632). Exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (Col. Rel. 1630. V). Registada no *Dicionário de Gravadores*, etc. *Op. cit.*, de Ernesto Soares.

Wilde, de um Calígula, sejam eles figuras reais ou imaginárias do Mundo.

Loucura abençoada a de S. João de Deus, criadora de bem e de virtude; estranha, espantosa e invulgaríssima maneira de agir e produzir, a repetir-se, por todo o mundo, dado inteiramente a Deus a à sua caridade — amor de Deus e do próximo por amor de Deus; de um atormentado e exquisito Charles de Foucauld, visconde francês que depois foi P.<sup>o</sup> Foucauld; do negociante Américo de Aguiar, o angustiado pai das crianças miseráveis e perdidas de Portugal, hoje já tão nosso P.<sup>o</sup> Américo, da Casa do Gaiato!

Na verdade, simples e fáceis de compreender estas vidas, embora tão difíceis de esclarecer. Bem dizia, em certo Congresso um ilustre cientista<sup>1</sup>, Galvez Laguarta: — «E' difficil explicar o difficil e não é facil explicar o fácil».

O que é certo é que ao ouvirmos declarar tanto e tão mal sobre estas formas de misticismo heróico dos nossos Santos apetece dizer com Chesterton: — «Não é louco quem perdeu a razão, mas sim o que tudo perdeu, menos a razão».<sup>2</sup>

São de ponderar estas chocantes palavras de João Gialli<sup>3</sup>; — «Se a loucura fosse uma dor, ouviríamos gritar em todas as casas».

E não menos impressionante o que dizia Davanzati, considerando indício de loucura o crer que se vive uma hora inteira em perfeito equilíbrio mental!<sup>4</sup>

É ainda o citado autor italiano a explicar: — «a obra do génio e do santo tem sempre certo carácter profético».

Quanto o teve, e em que grau, a obra de S. João de Deus. O seu formoso espírito adeja hoje, por certo, suavemente feliz e imensamente satisfeito, sobre os leitos e nas casas dos pobres doidos em nossos hospitais renovados e dignificados, obra sua, sua muito querida obra de quatrocentos anos de gestação!

Abençoada loucura a destes Santos, que a Humanidade copia em seus exemplos, que a Humanidade lê e aprende em seus escritos. Doença da Santidade! E é nas páginas desses *anormais* ou *doentes*, de S. Paulo e S. Tomás de Aquino, de S. Francisco de Sales a Santo Inácio de Loiola, de Santo Agos-

<sup>1</sup> «Actas» do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, t. VII, 1943, pág. 23.

<sup>2</sup> e <sup>4</sup> CASSINELLY, Ob. cit., págs. 100.

tinho a Santa Catarina de Sena, que nós, os *normais* e *sãos*, vamos procurar as mais belas lições de filosofia e de moral.

O mesmo Dr. Manuel Laranjeira em artigo de 1906 <sup>1</sup>, proclamava o erotismo de Santa Tereza de Jesus. Oiçamos, agora, Maurice Legendre em trabalho de há pouco <sup>2</sup>: — «Santa Teresa, que no habia recebido más que una cultura muy rudimentaria, escribe en castellano que causa la admiración de fray Luís de León, y expresa con una espontaneidad maravillosa lo que los filósofos profesionales no consiguen expresar».

Com que senso o grande Shakespeare recomendava: — «Presta atenção à loucura dos grandes».

O século XVI prestou atenção à sublime loucura de S. João de Deus e remodelou a assistência psiquiátrica, e regulou a organização hospitalar e criou a enfermagem!

Voz superior da Humanidade crente, o Pontífice romano canoniza esse admirável precursor e fá-lo padroeiro dos hospitais e dos enfermeiros de todo o mundo. E que o mundo, como recomendava Shakespeare, prestou atenção à divina loucura desse grande. <sup>3</sup>

S. João de Deus criou a assistência racional psiquiátrica, como se tivesse ouvido esse outro estranho e aberrante quinzentista, o médico Paracelso exclaimar e ensinar: — «Os loucos são nossos irmãos; cuidemos deles»!

Criou, sofrendo! Quanto não sofreu S. João de Deus, desde o insulto hediondo da plebe da rua à dúvida de Prelados, aos 50.000 açoites que se diz ter recebido na casa de doidos de Granada? <sup>4</sup>

Por isso Olier confessa que o centro do Cristianismo era e é o Sofrimento. <sup>5</sup>

Amou ele muito os pobres e os desventurados, vestindo-os,

<sup>1</sup> In *Porto Médico*.

<sup>2</sup> MAURICE LEGENDRE — *Orientacion practica del pensamiento español*. Revista de Filosofia do Instituto Luís Vives, n.º 31, Madrid, 1949, pág. 584.

<sup>3</sup> Escreveu estranhamente na *Doença da Santidade* o Dr. Laranjeira, ao fim do prefácio, aludindo a esses defeitos (?) do homem superior: — «desde que a patologia averigua que esses defeitos são o preço exorbitante por que os homens superiores resgatam a sua superioridade, o estudo dos seus defeitos não servirá senão para arraigar a nossa estima pelas suas virtudes».

<sup>4</sup> COSTA BROCHADO, Ob. cit.

<sup>5</sup> HENRI JOLY — *Psychologie des Saints*, 21.ª ed., Paris, 1929, pág. 180.

compondo-lhes as casas, enterrando-lhes os corpos mortos, salvando-os dos fogos, transportando-os aos ombros para o hospital. Seguiu o que diz Santo Agostinho: — *Ama e faz o que quizeres. — Ama et fac quod vis!*

É o mesmo Abade Olier — o fundador seiscentista da Congregação de S. Sulpício, em Paris — a garantir que *amar, sofrendo, é que é difícil!*

É ainda Henri Joly, do Instituto de França, que nos dá estas expressivas palavras:

— «O Santo que sacrifica saúde, prazer, riquezas, honras mundanas ao chamamento da vocação, e que vê esta confirmada por revelações e êxtases, é um ser que tem sugestões como as que agem sobre o sonâmbulo e o hipnotizado?»

A resposta é negativa, embora sobre a matéria, e ao parecer muito doutamente, tenha aquele médico de 1907, formado por esta Escola, concluído por afirmar a patologia de tais sugestões e êxtases!

Ao tratar do misticismo, nesse particular, também um outro quintanista de Medicina da nossa Escola Médica Cirúrgica, caminhava na mesma errada senda, errada por exclusivista e apriorística, isto em 1883.<sup>1</sup>

Felizmente, como bem escreve Joly, é pelos actos dos santos, sobretudo, que a Humanidade os avalia!<sup>2</sup>

Certo é que a severidade e a rigidez das leis cristãs assustam muita alma descorajosa ou frágil. Sentem-lhe a virtude, mas faltam-lhe as forças para aceitá-las. Dado e provado que ser-se bom cristão é prestar prova de heroicidade, boa parte dos homens acodem ao mais fácil e ao menos custoso, aparentemente melhor ou mais formoso.

Poderíamos recontar o que diz um livro sobre doidos o céptico médico francês Maurice de Fleury, autor do *Le Médecin*, tão celebrado.

Falando com certo professor Brown sobre determinados assuntos médicos, este respondeu-lhe, cortando a conversa: — «o que acaba de dizer-me é, sem dúvida, rigorosamente exacto; mas o que me diz o senhor Fulano, como era mais bonito!»

<sup>1</sup> EVARISTO GOMES SARAIVA — *O misticismo em Medicina*, Porto, 1883.

<sup>2</sup> HENRY JOLY — *Psychologie des Saints*, ob. cit., pág 185.



Fig. 10

Estampa da obra citada na legenda da figura anterior, n.º 9 (exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa). Circundando o oval, as palavras: S. IUAN DE DIOS FUNDADOR DE LA ORDEN DE LA HOSPITALIDAD DE LOS POBRES ENFERMOS.

No canto superior esquerdo, **o nascimento do Santo**, com a legenda *Tañe se las Campanas en su Nacimiento milagrosamente*; canto superior direito, **incêndio do Hospital de Granada**, com a legenda *sale libre por medio de las llamas con un pobre acuestas*; canto inferior esquerdo, **o Santo com o menino Jesus aos ombros**, e a legenda *Leua a Cristo en figura de niño pobreçito*; canto inferior direito, **aparição do Menino Jesus**, que lhe diz *Granada sera tu Cruz*. Tem a legenda *Aparecele Cristo en forma de niño* (este lhe entrega a romã encimada por uma Cruz). Esta é a estampa anterior (fig. 9) são de J. de Courbes.

Estas considerações sobre *doença da santidade* sugerem mais algumas reflexões. Ao biografar um dia Júlio de Matos, celebrado psiquiatra que foi nesta nossa Escola e depois em Lisboa, escrevia Mendes Correia: <sup>1</sup>

— «que subsista um pouquinho de loucura, não faz mal. Mas a loucura criadora e benemérita do heroísmo e da santidade, do sacrifício e da generosidade, a loucura dos grandes e fecundos ideais...»

Um grande poeta, Fernando Pessoa, atingindo culminâncias de exagerado elogio da loucura — *in medio virtus!* — teria escrito, como lembra aquele antropólogo, no mesmo lugar:

— «Sem a loucura  
que é o homem mais que a besta sadia,  
cadáver adiado que procria?»

Quão dignas de ponderação estas palavras de Serret: <sup>2</sup>

— «On n'étudie pas la piété; on ne l'analyse pas à froid comme le premier ordre venu des phénomènes scientifiques; on la pratique ou l'on est condamné au malheur de l'ignorer complètement. Oui, sans doute, la vie sainte a ses lois, dont la connaissance et une science profonde et radieuse entre toutes les sciences; mais cette science est interdite aux superbes, inabordable à qui prétend se placer au point de vue du libre examen et de la libre pensée... Il ne nous appartient pas, il n'appartient qu'aux saints et aux pénitents de décrire l'admirable ouvrage de la grâce dans les âmes élevées.»

Já o sarcástico Erasmo, por boca da própria Loucura, dissera: <sup>3</sup> — «Não há na terra loucos que pareçam mais loucos do que aqueles cujo coração está abrazado pelo amor da piedade».

Em S. João de Deus a paixão por sua obra, o Hospital, bem poderemos recordar — já que de poetas falamos, aquelas belas

<sup>1</sup> MENDES CORREIA — *Júlio de Matos e a Psiquiatria em Portugal*. «Cadernos Científicos», 2.<sup>o</sup>, II. Lisboa, 1949.

<sup>2</sup> *Madame Gervaisais*, dos irmãos Goncourt, edição definitiva. Paris, pág. 311.

<sup>3</sup> ERASMO DE ROTERDÃO — *O Elogio da Loucura*. Tradução de Berta Mendes. Lisboa, 1945, pág. 184.

palavras de Miguel Trigueiros, das cinco formosas quadras do seu *Juramento* :

— «Só um do outro e os dois de Deus».

Ele, o Santo, todo do Hospital; o Hospital, do Santo: ambos, na verdade, obras e graças do Senhor Deus!

Loucos, divinos loucos estes Santos e estas Santas, nomes impressionantes que lhes dão os que não sabem, com fundamento científico, o que é esse estranho e raro modo de ser espiritual — de cérebro, de coração, de alma, de carácter — com que Deus desdobra e em que Deus esparge a sua divindade!

Loucos e bêbedos chamaram os circunstantes atónitos aos Apóstolos, quando, depois de recebido o Espírito Santo, principiaram a falar das maravilhas do Senhor em línguas estranhas, as de todos os que ali se encontravam, Medos, Egípcios e Judeus, Gregos, Árabes e tantos mais. Enquanto uns, como que apavorados, perguntavam: — que quer dizer isto? outros, os *sábios cépticos* de sempre, os de *digna independência mental* berravam, num delírio: — *estão cheios de mosto!*

Assim o lemos, bem como o esclarecimento imediato e preciso de S. Pedro, nos *Actos dos Apóstolos* que escreveu esse adorável e grande médico S. Lucas, também artista, ao que a velha tradição nos informa. Apesar de esses *poucos grandes independentes* mentais de há 2.000 anos terem assim chamado ébrios aos Apóstolos que acabavam de receber a máxima sabedoria com o Espírito Santo, logo ali se converteram e baptizaram 3.900 inífiéis, novos devotos da fé de Cristo!

Esclarece esta doce história o mesmo nosso santo colega de profissão que havia morrido 50 anos antes de nascer o célebre Galeno de Pérgamo — ditador médico, como lhe chama Guthrie.<sup>1</sup> São do seu tempo, desse I século de Cristo, o patriício Cornélio Celso, o romano ilustre dos quatro pontos cardiais da inflamação, *calor, rubor, tumor, dolor*; Dioscórides, o de Anazarba, na Cilícia, que o nosso Amato tão ilustremente comentou quinze séculos depois; Areteu de Capadócia, na Asia Menor, o mais hipocrático dos gregos depois do inesquecível Pai da Medicina; Rufo, anatómico, dietético e epidemiólogo de

<sup>1</sup> DOUGLAS GUTHRIE — *History of Medicine*. Londres, 1945.

muita categoria, natural de Éfeso, à beira-mar, na Asia Menor em frente do Egeu; Plínio, o Velho ou Antigo; Séneca; os poetas Lucano (que obrigatoriamente se suicidou, abrindo as veias), Marcial e Silius Itálico; Quintiliano, o retórico educador da Espanha romana, como Séneca; Fedro, o fabulista e tantos outros latinos e gregos (como Plutarco e Epiteto) são do século de S. Lucas ou nele vivem grande parte da vida.

Augusto, imperador e Estrabão, o geógrafo, morrem antes do ano 20 do seu século, ainda vivia Jesus. É do seu tempo a conversão de S. Paulo, o Saulo de Tarso, na Cilícia. Um ano antes da morte de Séneca termina S. Lucas os *Actos dos Apóstolos*. Destes, antes de si, morrem em martírio S. Pedro e S. Paulo.

Aportemos novamente às terras que deixamos. Loucos bem definidos, ébrios, degenerados superiores ou inferiores (já nem sabemos!) lhes chamam, aos bons e aos justos, aos criadores de Beleza e de Bondade, aos Santos frequentíssimamente, muitos desses que se assemelham aos que consideravam vulgar cena de vinho a sobrenaturalidade do Pentecostes — ali manifestada a seus próprios olhos *dignamente ateus*, os únicos, ao que parece soberanamente límpidos e esgazeadamente escancarados!

Teremos de concordar todos, nós e os outros, crentes e descrentes, que nesse pendor das decisões científicas se devem considerar como alfobres de santos, de justos e de sábios os manicómios, as cadeias, as próprias tabernas de toda a classe, onde se patenteia tanta influência do álcool! Na verdade, será de lastimar que os nossos críticos não recenseiem nesses luminosos centros todos os *seus* sábios e os *seus* justos, os *seus* grandes criadores de obras de Beleza e de Bondade!

Recordo o que em um dos seus romances escreveu Eça de Queiroz a propósito dos políticos portugueses. Referindo-se ao partido do governo e ao da opposição e que um e outro admitiam no campo adverso *robustos talentos*, apesar de tantas inépcias e tolices que cometiam, origem, afinal, de uma péssima e proverbial administração do país, recomendava o irónico crítico que: — «como os talentos sempre falham, se experimentem uma vez os imbecis».<sup>1</sup>

<sup>1</sup> EÇA DE QUEIROZ — *Os Maias*. Vol. II, pág. 268, Lisboa,

Como os nossos críticos materialistas admitem, pelo menos o valor das obras belas deixadas por tantos *dementes* e *ébrios* que a Igreja beatificou ou canonizou (tratados de filosofia, literatura, ciência; obras de arte e monumentos célebres, sistemas multiformes de assistência, de civilização, de pedagogia, etc.), seria de recomendar que seguissem eles o mesmo processo e seleccionassem os seus valores espirituais entre os alienados dos manicómios e os bêbedos de botequim.

Aguardemos a experiência ou a prova!

A par de tanta irreverência e incompreensão e a opor-se à insana mente desses dois jovens médicos desta Escola, nesta Escola procuro outros dois exemplos que admiravelmente afogam os ecos das desvairadas palavras daqueles. <sup>1</sup> Um, Professor insigne, depois de ter sido estudante invulgar: Ricardo Jorge. Outro, que a Política estonteou, Basílio Teles. Aquele, o Professor e Homem de Letras que fulge em caracteres de oiro na História da Medicina e da Literatura deste País, haveria um dia de clamar um imensamente belo hino à força e virtude do Cristianismo, em celebrada sessão de festa ao Santo Padre Pio XI, vai para 22 anos. <sup>2</sup>

De Basílio Teles, pensador culto e adafi radical, que não concluiu o curso, conta Ricardo Jorge o seu fim de vida: — temente a Deus e transportado em Cristo». <sup>3</sup>

Aí ficam estes descosidos retalhinhos de manta mais larga em que bordei muito devotamente os passos mais enigmáticos, mas não menos esclarecedores, quando explicados, da vida de S. João de Deus.

Ouvindo o Santo, estremecem-me nos ouvido e queimam-me o coração as suas palavras de caridade e de piedade, quando pedia para os seus pobres desvalidos e enfermos:

— «Fazei bem, irmãos, a vós mesmos».

— «Quem quer fazer bem a si mesmo?»

<sup>1</sup> Em 1876 e contrastando com essas posteriores atitudes anti-cristãs, publicava o novel médico cirurgião Manuel Gonçalves Pavão uma curiosa dissertação, que defendeu no final do curso no Porto, intitulada *Influência da Religião Christã sobre o desenvolvimento physico e intellectual dos povos*.

<sup>2</sup> e <sup>3</sup> RICARDO JORGE — *I. H. S. Discurso pronunciado na sessão académica consagrada a S. S. Pio XI e celebrada na Sala Portugal da Sociedade de Geografia a 6-2-29*. Lisboa, 1929.

Ah, meu grande, meu inesquecível Santo, recebe estas minhas lembranças de hoje como um bem que faço a mim mesmo, dando-tas como esmola tão obscura e desvaliosa.

Bem que faço a mim mesmo, consolando o coração e a alma de penitente cristão com o calor suavíssimo de teus exemplos e virtudes.

Eu relembro, como se a visse, a tua maviosa morte na câmara rica dos Garcia de Pisa, de Granada, de joelhos, morte ajoelhada, como ajoelhada fora tua vida, o crucifixo do redentor nos braços doridos, esqueléticos, trementes, desse Redentor de quem em uma das tuas simples cartas te dizias captivo no Hospital que fundaras e onde te consumias crivado de dívidas.

Eu relembro, como se a contemplasse, a tua agonia, os teus olhos cravados no mártir galileu, a Quem poderias ter rezado aqueles deliciosos versos anunciados pelo nosso seiscentista Bernardes na *Nova Floresta* :

— «A vós, correndo vou, braços sagrados,  
nessa cruz sacrossanta descobertos ;  
que, para receber-me, estais abertos,  
e, por não castigar-me, estais cravados !

A vós, olhos divinos, eclipsados,  
de tanto sangue e lágrimas cobertos,  
que para perdoar-me, estais despertos  
e, por não devassar-me, estais fechados».

Quando, um dia, o Arcebispo de Granada, mal e de má fé esclarecido por inimigos torpes do Santo, o admoesta por seu incompreendido sistema administrativo, S. João de Deus responde, com sublime humildade :

— «Sei bem que nunca tive as qualidades necessárias para a obra que empreendi, e tenho a certeza de nem sempre ser fiel à minha vocação».

E como o Arcebispo tentasse apagar a impressão causada, com gesto e voz de simpatia, o grande Santo responde por palavras de excelso rebaixamento, mas por isso tão longe da verdade :

— «Confesso, perante o meu Prelado, que João de Deus é o único pecador que come no Hospital, indigna e imerecidamente, o pão dos pobres !»

Ao rematar as considerações com que contribui para este festejamento do Santo Português, eu poderei exclamar, respeitosamente :

confesso, perante o meu Prelado universitário, que fui o mais obscuro e indigno de todos os que nesta casa e fora dela exaltaram as virtudes e a memória de S. João de Deus! *Minime doctus!*

Tenho fé, imensa fé, que antes de Vossas Excelências, distintíssimo Vice-Reitor da minha Universidade e Senhor Director, S. João de Deus já me perdoou a falta e o erro!

### RÉSUMÉ

L'Auteur, Professeur d'Histoire de la Médecine à la Faculté de Médecine de l'Université de Porto, étudie avec minutie le traitement psychiatrique en Europe, dans les derniers siècles, spécialement en Angleterre, à l'Hôpital de Bethléem (Bedlam), en France, en Allemagne, en Autriche, pour conclure que le traitement inhumain, par la violence et les tortures, était vulgairement adopté.

La réaction a commencé en Espagne avec l'Asyle de Valence dès 1409 et, ensuite, avec l'action extraordinaire de Saint Jean de Dieu, à Grenade, en 1539.

Les meilleurs traités actuels de l'Histoire de la Médecine, ne se réfèrent pas à ces faits, ils ne fixent qu'aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles la réaction contre les traitements barbares infligés aux fous.

L'auteur fait ensuite une description du traitement des fous au Portugal. Déjà au XVI<sup>e</sup> Siècle, à l'Hôpital de Tous les Saints, il y avait une infirmerie spéciale pour les fous.

Cependant, c'est l'Ordre de Saint Jean de Dieu qui, au Portugal, a donné une grande impulsion au traitement des malades mentaux, et toujours effectué selon les règles les plus modernes, aujourd'hui universellement adoptées, c'est-à-dire par la Charité, la Douceur et le Travail.

L'auteur, dans la dernière partie de son travail se réfère aux opinions répandues particulièrement vers la fin du XIX<sup>e</sup> siècle et au commencement de celui en cours, que les Saints étaient des malades mentaux.

On a écrit des dissertations sur la *Maladie de la Sainteté* où l'on peut lire les choses les plus épouvantables car on arrive à considérer la Vertu comme une psychose.

L'auteur analyse et réfute ces critiques pour louer cette *folie de la Croix*, qui a rempli le monde de tant d'œuvres grandes et belles.

## SUMMARY

The Author, Professor of History of Medicine at the Oporto Faculty of Medicine, studies in detail the psychiatric treatment in Europe in the last centuries, specially in England, at the Bethlem Hospital (Bedlam), in France, Germany, Austria, and concludes that cruel treatment, by means of violence and harshness, was generally adopted.

Reaction started in Spain, first with the asylum of Valencia in 1409 and then with the wonderful work of St. John of God, in Grenade, in 1539. The best present-day medical books on History of Medicine do not refer to this fact, placing in the 18th and 19th centuries the reaction against the treatment inflicted on insane people.

The author then describes the treatment of the insane in Portugal. In the 16th century there was already at the «Todos os Santos» Hospital a ward for insane only. However, it was the Order of St. John of God that greatly stimulated the treatment of mental patients, and always according to the most improved rules, i.e., by means of charity, gentleness and work.

In the last part of his work, the author refers to the opinions particularly expanded in the last part of the 19th century and beginning of the 20th, that the saints were mental patients.

Essays on the «disease of sanctity» have been written, in which we can read the most amazing things, as that virtue itself is considered a psychosis.

The author studies and refutes this criticism, to praise *the insanity of the cross*, which has given the world so many great and beautiful works.



Separata da Revista

A C Ç Ã O M É D I C A

Ano XV — N.º 58-59 — Outubro, 1950 a Março, 1951

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.ª  
Rua do Diário de Notícias, 61. LISBOA





RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIAS  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329687160\*

